

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, DANÇA E FISIOTERAPIA**

**As matrizes, o início e o desenvolvimento da Capoeira
em Porto Alegre nos anos 70**

Mário Augusto da Rosa Dutra

Porto Alegre

2019

Mário Augusto da Rosa Dutra

As matrizes, o início e o desenvolvimento da Capoeira em
Porto Alegre nos anos 70

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
a obtenção da graduação em
Licenciatura em Educação Física,
da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul-UFRGS.

Prof^a. Orientadora: Raquel da Silveira

Porto Alegre
2019

Mário Augusto da Rosa Dutra

As matrizes, o início e o desenvolvimento da Capoeira em
Porto Alegre nos anos 70

Conceito final: A

Aprovado em 08 de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Janice Mazo – UFRGS

Orientadora – Prof. Raquel da Silveira – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a minha mãe, Maria Eni da Rosa, guerreira que me criou com sacrifício e muita luta.

Agradeço também minha esposa Andréa Flores, parceira incansável que durante a realização deste sonho sempre esteve ao meu lado.

Ao meu filho, Lonã, o senhor dos caminhos, que me “inspirou” a entrar na faculdade, quando um dia me perguntou por que eu não estava estudando.

A minha filha Raíssa, que se formou antes de mim, para orgulho da família.

Ao tio Calmo José da Rosa (in memoriam) meu padrinho e pai.

Ao meu querido irmão, pai e babalaorixá, Baba Diba de Iyemonjá, amigo de toda hora, que sempre acreditou no meu potencial e me ajudou a segurar muita barra pesada.

A minha orientadora Raquel Silveira que desde o início acreditou e fortaleceu a ideia com muita paciência e comprometimento.

Ao pessoal da Áfricanamente Escola de Capoeira Angola pela compreensão, incentivo e apoio.

Aos Mestres Índio, Mano, Fernando, Carson, Jacó e Odon e aos camaradas, Marcelo Freitas e João Horácio por compartilharem suas memórias para que este trabalho pudesse ser realizado.

Por fim aos mestres matrizes que implantaram a capoeira em Porto Alegre, Cal, Vadinho, Índio, Churrasco, Monsueto, Cerqueira, Paulinho e Ferro Velho.

RESUMO

A capoeira, prática corporal constituída por elementos de luta e dança, que tem suas origens no movimento de resistência dos africanos escravizados no Brasil. Em Porto Alegre, apesar de haver registros de sua prática desde o início do século XIX é somente a partir de 1970, com a chegada dos primeiros mestres quem vem da Bahia, Rio de Janeiro e Paraná, que ela passa a ser ensinada de forma sistematizada em nossa cidade. Esses mestres são considerados “matrizes” uma vez que a capoeira vivenciada nos dias atuais em Porto Alegre tem muitas implicações do trabalho que cada um deles desenvolveu a partir de 1970. Diante disso, o objetivo deste estudo foi compreender o cenário da época a partir das memórias dos mestres e alunos que viveram a capoeira nesse período em Porto Alegre. Para isso, utilizei como metodologia de pesquisa a história oral, em que realizei entrevistas semi estruturadas com oito mestres de capoeira que na década de 1970 vivenciaram essa prática em Porto Alegre. Após a análise das entrevistas, em diálogo com outros estudos que já haviam se dedicado a compreender a capoeira em Porto Alegre, foi possível compreender que em 1970 houve pessoas responsáveis pela implantação e desenvolvimento da capoeira porto alegreense, que em academias, clubes e universidades ministravam aulas para um público jovem, branco e de classe média, mas que, em uma dimensão menor, teve seu contraponto nos capoeiristas da periferia da cidade. Neste período a capoeira possui um caráter focado no esporte e na luta, surgindo os primeiros batizados para avaliação e mudança de nível técnico. Os parques se tornam palcos para as exibições públicas, chamadas de rodas de rua e muitas vezes também foram arenas para confrontos entre os próprios capoeiristas ou com lutadores de outras artes marciais. Neste período surgem os primeiros professores formados em terras gaúchas, que dão continuidade e expandem esta prática para todo o estado.

Palavras-chave: Capoeira, história, Porto Alegre, gaúcha, mestres, matrizes, desenvolvimento, anos 70, batizados, academias, clubes, início, memória.

“Respeite quem chegou primeiro, a velha guarda tem que respeitar.
Escute um pouco seu mestre menino, a velha guarda é de mandingá.”
(Música cantada em rodas de capoeira. Autor desconhecido)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. CAPOEIRA POR CIMA, POR BAIXO, POR TODO LUGAR.....	12
1.1 Pequeno histórico sobre a capoeira e sua expansão nacional	12
1.2 Produções acadêmicas realizadas no RS sobre a capoeira.....	12
1.3 O que estas produções trazem sobre a capoeira em Porto Alegre.	17
1.4 Outras fontes e novas informações	18
1.5 A capoeira em Porto Alegre nos séculos XIX e XX	18
1.6 A capoeira em Porto Alegre a partir dos anos 70	21
1.7 O que falta saber sobre o início da capoeira em Porto Alegre	30
2. ESCUTANDO OS MAIS VELHOS	31
2.1 Metodologia	31
2.2 Primeira fase: Revisão bibliográfica	31
2.3 Segunda fase: Identificando os mestres	31
2.4 Terceira fase: Oralidade e memória	33
2.5 Quarta fase: Realização das entrevistas	35
2.6 Quinta fase: Transcrição das entrevistas	36
2.7 Sexta fase: Análise das informações	36
3. QUEM VEM LÁ SOU EU, BERIMBAU MAIS EU	
3.1 A capoeira moderna em Porto Alegre	37
3.2 Tramas da capoeira em Porto Alegre na década de 70	38
3.3 Síntese das memórias compartilhadas.....	71
4. VAMOS EMBORA CAMARÁ	76
4.1 Matrizes, início e desenvolvimento da capoeira nos anos 70	76
4.2 Para futuros estudos	79
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICE	82

INTRODUÇÃO

Desde criança sempre gostei de atividades corporais, jogar futebol, brincar de correr, pular valão, subir em árvores e lógico, brincar de lutinha com os meus amigos. Adorava também ver os filmes de artes marciais que passavam na televisão e depois eu ficava imitando os golpes em casa e perturbando minha mãe com os gritos típicos dos lutadores, mas o que ela mais se indignava era quando eu serrava os cabos de vassoura para fazer bastões de combate. Tudo isso acontecia numa pequena vila, situada na cidade de Gravataí, região metropolitana de Porto Alegre.

Quando comecei a trabalhar, nos mudamos para Porto Alegre e a ideia de praticar algum tipo de luta permanecia, mas a falta de tempo, pois trabalhava de dia e estuda de noite, e principalmente a falta de dinheiro me impediam, pois as mensalidades eram bem caras.

Lembro, que no anos 80, toda sexta feira a noite, os jovens negros se reuniam na Andradas, um ponto de encontro localizada na esquina da Rua dos Andradas com a Rua Borges de Medeiros, também conhecida como esquina democrática, para trocar informações, saber das festas do final de semana, namorar e curtir as rodas de break e de capoeira que ali aconteciam. Na primeira vez que eu vi uma destas rodas de capoeira eu me encantei e fui atrás de informações para poder me inscrever, pois tinha terminado o ensino médio e de acordo com a escolaridade da minha família, eu já tinha 'até estudado demais', então tinha tempo para realizar outras atividades. E para ajudar neste processo, a mensalidade da capoeira era mais baixa que as mensalidades de outras modalidades de lutas.

Assim, em 1988, tive a minha iniciação na capoeira com o Professor Fernando do "Grupo Cativoiro", segui treinando, passei por outros professores e mestres e em 2003 fundei a Africanamente Escola de Capoeira Angola e em 2010 recebi o título de Contramestre (a qual permaneço até os dias atuais), última graduação antes da mestria.

A prática da capoeira foi fundamental para eu me entender enquanto um sujeito afrodescendente, a sua filosofia me ensinou a bem viver em comunidade e os treinos, os movimentos, resgataram aquele corpo vivo,

brincante de minha infância e despertaram o desejo de aprender mais sobre as culturas do movimento humano.

Assim, entrei no curso de educação física em 2013, e desde o início, meu propósito foi de estabelecer um diálogo entre os conhecimentos acadêmicos e os conhecimentos produzidos pelos mestres de capoeira, numa relação de igualdade e com possibilidades de complementação e crescimento mútuo. No entanto, percebo que para este diálogo acontecer é necessário que a educação física conheça mais sobre a capoeira, estabeleça aproximações que proporcione compreender a complexidade dos elementos que constituem e sustentam a sua lógica interna. É preciso construir conhecimentos desde as transformações biopsicossociais produzidas pela sua prática até entender os seus processos de implantação e desenvolvimento em nosso País.

Este trabalho de conclusão de curso, intitulado “As matrizes, o início e o desenvolvimento da Capoeira em Porto Alegre nos anos 70” tem por objetivo colaborar nesta relação, trazendo informações sobre os primeiros mestres que aqui chegaram e como conseguiram desenvolver a capoeira no extremo sul do Brasil. Busca também dar visibilidade aos mestres ‘matrizes’ e entender o processo de desenvolvimento da mesma durante a década de 70, período identificado pelos capoeiristas mais antigos, como o momento da chegada dos primeiros mestres e da abertura das primeiras turmas de ensino de capoeira em Porto Alegre.

O desejo de conhecer e compartilhar informações sobre este tema se deu a partir dos encontros realizados no Ponto de Cultura Áfricanamente, que reunia professores, contramestres e mestres de capoeira com representantes do IPHAN – Instituto do Patrimônio Humano Artístico Cultural Nacional, para elaborar ações e estratégias de salvaguarda da capoeira gaúcha. Em um destes encontros, onde estavam presentes os capoeiristas mais antigos, houve uma roda de conversa, um exercício de memória, procurando lembrar coletivamente, quem foram os mestres responsáveis pela implantação da capoeira em Porto Alegre. Após várias trocas de ideias, de recordações e contradições, chegou-se a uma lista constando os nomes dos mestres que foram considerados pelos presentes, como as matrizes fundadoras da capoeira em Porto Alegre e uma lista de alguns de capoeiristas que foram os primeiros alunos destes mestres ‘matrizes’ e que posteriormente, em virtude do seu

trabalho, acabaram se tornando também uma referência da capoeira em nossa cidade.

A partir desta lista fiquei curioso em conhecer a trajetória, os caminhos percorridos, saber de onde vieram, como chegaram, onde deram aulas, os primeiros alunos, em fim, conhecer a história das pessoas que estavam por trás daqueles nomes numa folha de papel.

Com este intuito, fiz uma pesquisa nas produções acadêmicas que abordavam a prática da capoeira em nossa cidade e percebendo que existiam poucas informações relativas a este tema, cheguei a conclusão que esta história ainda estava por ser contada e que deveria ser feita o quanto antes, pois alguns dos mestres matrizes já haviam falecido e outros se encontravam enfermos. Aliado a isso, enquanto praticante de capoeira, percebo um desejo, uma necessidade da comunidade capoeirística de Porto Alegre em conhecer a sua história, porque olhar para o passado, ter memória, respeitar seus mais velhos e honrar seus ancestrais, são qualidades fundamentais para um bom capoeirista.

A partir desta realidade optei por escrever sobre este tema no meu trabalho de conclusão de curso em educação física, a partir de informações coletadas através de entrevistas com alguns capoeiristas que praticaram capoeira em Porto Alegre nos anos 70 e que somadas as produções existentes, poderá fornecer um olhar mais ampliado sobre o início e o desenvolvimento desta prática nesta capital.

Acreditando na ideia do diálogo compartilhado e de uma relação de benefícios igualitários, esta produção também é uma contribuição para a comunidade capoeirística, na medida em que as histórias coletadas foram reunidas, sistematizadas e estarão a disposição desta comunidade para eventuais consultas.

Considero ainda este trabalho um tributo, uma homenagem e uma forma de dizer muito obrigado aos mestres precursores da capoeira em nossa cidade e uma maneira de manter viva as suas histórias. Na condição de contramestre me sinto continuidade deste movimento, me sinto parte do legado deixado por eles e me sinto honrado em poder unir estas histórias num trabalho que servirá para compreender como esta cultura do movimento se instalou e se desenvolveu em Porto Alegre.

Para efeito de organização das ideias e sistematização das informações, este trabalho é dividido em quatro capítulos.

No primeiro capítulo intitulado “Capoeira por cima, por baixo, por todo lugar” eu trago alguns conceitos relativos a capoeira, falo do movimento de expansão nacional, apresento o referencial teórico utilizado neste trabalho. Elaborei uma linha de tempo para melhor identificar nas produções acadêmicas quais informações existem e o que ainda é pouco conhecido sobre o tema deste trabalho.

No segundo capítulo, “Escutando os mais velhos” eu descrevo a metodologia utilizada na pesquisa. Explico porque escolhi a história oral como forma de obter as informações, identifico os critérios adotados para selecionar os entrevistados e faço uma breve apresentação dos capoeiristas escolhidos.

No terceiro capítulo, “Quem vem lá sou eu” é apresentado os resultados e as análises das informações produzidas com este trabalho. Prioriza as falas dos entrevistados, juntamente com uma análise contextual que propõe o diálogo entre os dados obtidos e o cenário nacional da capoeira.

O quarto e último capítulo, “Vamos embora camará” é dedicado às considerações, procurando saber elementos que nos ajudam no entendimento da história da capoeira em Porto Alegre e o quanto ainda tem por ser pesquisado.

1. CAPOEIRA POR CIMA, POR BAIXO, POR TODO LUGAR

1.1 Pequeno histórico sobre a capoeira e sua expansão nacional

A capoeira é uma manifestação cultural corporal, criada pelos descendentes de africanos no Brasil como uma forma de lutar e resistir ao processo de escravidão durante o período colonial. Ela é composta por elementos que envolvem luta, dança, brincadeira, música, teatralidade e filosofia ancestral, manifestada e preservada pelo/no corpo, que ginga, que baila, que defende, ataca, que joga, negocia, aos sons dos berimbaus.

A prática da capoeira foi reprimida durante a escravidão, criminalizada na república através do artigo 402 do código penal brasileiro de 1890, reconhecida como esporte nacional em 1972, pelo Conselho Nacional de desportos e tombada como patrimônio imaterial cultural do Brasil pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Humano Artístico Nacional em 2008.

Presente desde séculos passados, nos estados da Bahia, Rio de Janeiro e Recife, a capoeira, nas décadas de 1950 e 1960, passa a ser amplamente praticada na região sudeste, com ênfase nas cidades do Rio de Janeiro, que já tinha uma relação histórica com a capoeira e em São Paulo, que na época era uma cidade em grande desenvolvimento, que atraía várias pessoas do nordeste em busca de melhores condições de vida. Entre estas pessoas, muitos eram baianos, praticantes de capoeira, alguns inclusive mestres, que ao chegarem nestes locais, percebiam que havia um sentimento de aceitação e valorização da capoeira, às vezes como prática esportiva genuinamente brasileira e outras vezes como manifestação folclórica da cultura negra baiana potencializada pelo crescente mercado de turismo.

Este movimento de expansão da capoeira, não tarda a chegar à região Sul, passando pelo Estado do Paraná, logo aporta em terras gaúchas, mais precisamente em Porto Alegre, no início dos anos 70. Esse processo acontece principalmente pela vinda de mestres que irão ser os precursores da capoeira no Rio Grande do Sul.

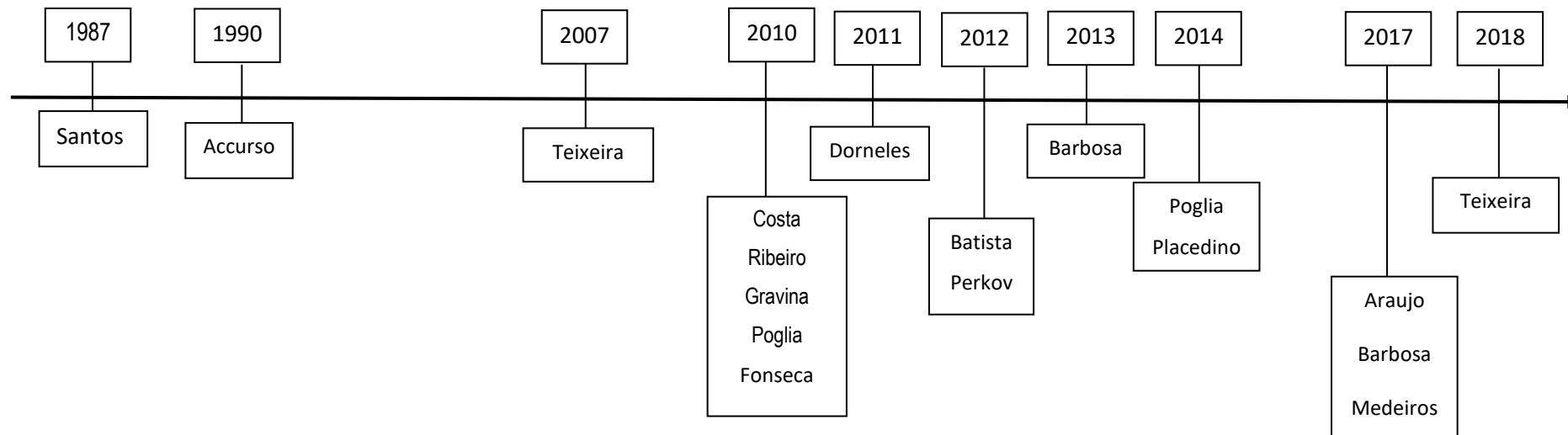
1.2 Produções acadêmicas realizadas no RS sobre a capoeira

Para fazer esta revisão bibliográfica direcionei a minha busca sobre a produção acadêmica que trata da presença da capoeira na cidade de Porto

Alegre, independente de onde foi realizada ou publicada. Como indicador de busca utilizei as palavras “Capoeira”, “Porto Alegre”, “Origem”, “Desenvolvimento”, “História”, “Mestres”, “Esporte” e “Cultura” que associadas serviram como base para encontrar na plataforma Google Acadêmico (quatro dissertações), na plataforma Lume da UFRGS (uma tese, três dissertações e oito trabalhos de conclusão) e na plataforma OMNIS da PUCRS (duas dissertações). Também acessei trabalhos a partir das referências bibliográficas utilizadas nas produções que fui encontrando nessa busca inicial.

De acordo com as palavras chaves foram encontrados 18 trabalhos que foram produzidos ou citaram a prática da capoeira em Porto Alegre até o final do primeiro semestre de 2018. Para melhor visualizar o momento em que esses trabalhos foram publicados, elaborei uma linha do tempo localizando-os.

Linha de tempo dos trabalhos produzidos sobre capoeira no Rio Grande do Sul



Fonte: elaboração do autor

O primeiro trabalho encontrado foi a dissertação de Mestrado de Luiz Silva Santos, pela PUC, em 1987, apresentou propostas sobre como a capoeira poderia contribuir nas questões psicomotoras, a partir da sua inserção nas aulas de educação física para crianças do 1ª série do 1º grau (atualmente conhecido como ensino fundamental). O autor usou como referência, o histórico da capoeira nas cidades de Salvador/BA e Rio de Janeiro/RJ, não havendo nenhuma alusão a presença da capoeira em nossa cidade.

Três anos mais tarde, em 1990, Anselmo Accurso, produziu o trabalho “Capoeira, um instrumento de educação popular” como resultado da sua pós-graduação em Educação Popular pela UNISINOS. Neste trabalho o autor defende que a prática de capoeira leva o indivíduo a construir uma consciência cidadã. Antes de introduzir o assunto ele aborda questões como a origem da capoeira no Brasil e conta que sua iniciação na capoeira aconteceu na metade da década de 70 na cidade de Porto Alegre com o baiano Vadinho na ACM – Associação Cristã de Moços, indicando algumas informações que poderiam ser utilizadas como início de uma construção da história da capoeira em nossa cidade.

Após uma lacuna de 17 anos, em 2007 a capoeira volta a estar presente nas produções científicas locais, com a dissertação de Mestrado de Jorge Luiz Teixeira da Silva, pela EST – Escola Superior de Teologia, sobre capoeira e identidade, onde o autor, utilizando-se de entrevistas analisa o impacto da capoeira na construção identitária de crianças negras de um bairro periférico de Porto Alegre.

Já, 2010 foi um ano em que se realizaram diversas produções em nosso estado com o tema capoeira, a começar com Adélia Costa, que em seu trabalho de conclusão de curso em Educação Física pela UFRGS, realiza um estudo sobre a prática de capoeira com pessoas portadoras de deficiência física e mental em uma escola de educação especial da cidade de Porto Alegre. Simone Ribeiro, em seu trabalho de conclusão de curso em pedagogia pela UFRGS, traz um relato de experiência sobre a capoeira enquanto uma ferramenta construtiva de autonomia para crianças do 4º (quarto) ano de uma escola estadual, localizada na cidade de Porto Alegre. Heloisa Gravina, em sua tese de doutorado em Antropologia, também pela UFRGS, retrata a sua experiência em grupos de capoeira na cidade de Porto Alegre – RS, Salvador –

BA e Marseille – França, narrando os rituais, as formas de relacionamento, organização e faz um pequeno histórico do grupo e da liderança de cada local, citando nomes de mestres e locais de prática e aprendizado da capoeira em Porto Alegre. Marco Pogliã, em sua monografia no curso de Antropologia da UFRGS, descreve as suas vivências e a rotina de um grupo de capoeira de Porto Alegre, buscando entender a filosofia e os processos de subjetivação do ser capoeirista.

Um ano depois, Ederson Dornelles, em 2011, faz o seu trabalho de conclusão de curso em Educação Física pela UFRGS e entrevista Mestre Churrasco, Mestre Nino Alves e Mestre Ratinho, com o objetivo de reconstruir e dar visibilidade a história dos primeiros mestres representantes da capoeira em solo gaúcho. Um trabalho realizado a partir de entrevistas que trouxeram informações relativas aos locais e datas em que os mestres começaram a aprender e posteriormente a ensinar capoeira em Porto Alegre/RS.

Como conclusão da sua graduação em Letras pela UFRGS, Silvio Batista em 2012, realiza um trabalho buscando compreender o que tem na capoeira que atrai diferentes tipos de pessoas para praticá-la em países estrangeiros. Neste mesmo ano Paulo Perkov, pela Universidade do Vale dos Sinos, apresenta sua dissertação de mestrado sobre a capoeira enquanto possibilidade de educação emancipatória junto a jovens de classes populares, a partir de um estudo de campo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Migrantes, localizada em Porto Alegre/RS.

Em 2013, com Viviane Barbosa, no seu trabalho de conclusão de curso em Pedagogia pela UFRGS, a capoeira volta a ser apresentada como possibilidade educacional voltada a formação integral do estudante e na implementação da Lei 10.639/2003.

Em 2014, Fernando Placedino, pela PUC - Pontifícia Universidade Católica em sua dissertação de mestrado em Educação, traz a Capoeira como uma possibilidade de educação ético-estética, voltada a construção do respeito a pluralidade e a alteridade. Também em 2014, Marco Pogliã, agora em sua dissertação de mestrado em Antropologia pela UFF – Universidade Federal Fluminense no Rio de Janeiro, continua a analisar as relações internas do grupo que serviu como fonte para sua monografia em Porto Alegre,

acrescentando informações relativas a história do mesmo, suas relações externas e a história do líder.

Após 02 anos sem produções, temos em 2017 a dissertação de Mestrado de Viviane Barbosa pela UFRGS, investigando as experiências e singularidades vividas por algumas capoeiristas em relação ao potencial educativo da Capoeira na vida dessas mulheres. Nas entrevistas são citados alguns grupos e locais de prática de capoeira em Porto Alegre. Neste mesmo ano, Maíra Araujo produz sua dissertação de mestrado em Educação Física pela UFRGS, a partir de um estudo de caso onde investiga os efeitos político-pedagógicos produzidos pela prática da Capoeira no contexto escolar na compreensão dos coletivos docentes de duas escolas da RME-POA. Ainda em 2017, em seu trabalho de conclusão de Curso da faculdade de Museologia da UFRGS, Sabrina Medeiros, reflete sobre a Capoeira enquanto patrimônio cultural e o entrelaçamento dos conceitos de identidade e gênero.

Por fim, em 2018, temos o trabalho de conclusão de curso em Letras pela UFRGS de Lucas Teixeira, onde propõe um projeto pedagógico para aulas de ciências da linguagem com a Capoeira como eixo temático, a partir do estudo de canções de Capoeira, poemas e crônicas que dialogam com o universo dessa arte.

As produções analisadas, no geral, trazem informações sobre as possíveis origens da capoeira e sobre o desenvolvimento da mesma no Brasil nos séculos XVII, XVIII e XIX, mais especificamente nas cidades do Rio de Janeiro, Salvador e Recife, estando ainda presente nos trabalhos consultados, informações sobre a estrutura e lógica interna da capoeira, suas possibilidades como instrumento de educação e sua contribuição na construção de emancipação, identidade e cidadania. Para esta pesquisa, optei em direcionar o olhar para a cidade de Porto Alegre, por isso, dedico o próximo tópico deste referencial teórico para analisar essas produções focado nessa delimitação.

1.3 O que estas produções trazem sobre a capoeira em Porto Alegre

A revisão bibliográfica nos proporcionou saber que alguns dos trabalhos pesquisados trazem informações sobre a capoeira em nossa cidade, a começar por Accurso (1990) que ao falar da sua iniciação na capoeira, lá pelos anos 70, cita locais e mestres que foram responsáveis pela sua aprendizagem.

Poglia (2010) e Gravina (2010) descrevem suas vivências junto a um grupo de capoeira em Porto Alegre. Dornelles (2011) investiga a história de três mestres considerados por ele como pioneiros na capoeira em nosso estado. Poglia (2014) amplia as informações relativas a sua vivência em um grupo de capoeira de Porto Alegre, trazendo dados sobre as relações com outros grupos da cidade. Barbosa (2017) ao entrevistar mulheres capoeiristas de Porto Alegre, registra os locais, os grupos e mestres de capoeira que fizeram parte da trajetória capoeirística das mesmas.

Percebendo que estes trabalhos estavam em sua maioria focados na trajetória de grupos ou de praticantes de capoeira da atualidade, procurei outras fontes para obter mais informações relativas ao início e desenvolvimento da capoeira em Porto Alegre.

1.4 Outras fontes e novas informações

Após pesquisas e indicação de alguns dos autores dos trabalhos citados anteriormente encontrei dois artigos que tratavam da prática da capoeira em nossa cidade em séculos passados. No site “Angola POA”¹, escutei as entrevistas realizadas com lideranças da capoeira de Porto Alegre. Por último, nos arquivos do projeto “Garimpando memórias” do CEME² - Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da UFRGS, tive acesso a íntegra das entrevistas realizadas por Ederson Dorneles com três mestres importantes na história da capoeira gaúcha. Abaixo segue algumas informações obtidas nestas fontes.

1.5 A capoeira em Porto Alegre nos séculos XIX e XX

No artigo “A capoeira angola de Porto Alegre” elaborado por Marco Poglia em 2012, onde o autor a partir da pesquisa em livros, crônicas, jornais e periódicos³ de época, lança um olhar sobre a prática da capoeira nos séculos XIX e XX.

¹ O projeto Angola POA é um site que contém entrevistas gravadas em vídeos com os mestres e contramestres de Capoeira Angola que atuam em Porto Alegre.

² O Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS foi implantado no final de 1996 e tem como missão de reconstruir, preservar e divulgar a memória do esporte, educação física, lazer e dança no Rio Grande do Sul e no Brasil.

³ Publicações regulares que poderiam ser em forma de folhetim, almanaque ou jornal.

A começar pela referência a um instrumento musical utilizado na capoeira, sendo este registro o mais antigo sobre a prática em Porto Alegre.

Os primeiros indícios que remetem a prática de capoeira em nossa cidade é uma alusão ao instrumento musical chamado urucungo⁴, citado nos escritos do Professor Antônio Álvares Pereira Coruja (1806-1889), um cronista porto-alegrense ao descrever o “Candombe da Mãe Rita (POGLIA, 2012, p. 09).

Destaca também que a capoeira no passado não era bem vista socialmente, em virtude de brigas e conflitos que aconteciam cotidianamente.

Na segunda metade do século XIX, a cidade estava infestada com a praga dos capoeiras, havendo dois grupos que se destacavam, os Tinteiros e os Bagadús, que em suas brigas dominicais, utilizavam da capoeira e da pedra como armas de ataque. (ACHYLLES, 1994, p. 95, apud POGLIA, 2012, p. 09).

Poglia (2012) informa ainda que o Centro da cidade, a Colônia Africana, a Cidade Baixa, o Areal da Baronesa e até o distante bairro da Glória eram locais onde se tem registrado a presença da capoeira e traz parte do texto “O valentão da zona” escrito por Ary Veiga Sanhudo, onde o cronista descreve uma briga na Colônia Africana e uma briga na Glória.

O negro Fumaça, moleque habituado a esses “entreveros” que após bater “sem dó nem piedade” no adversário, teria se armado com um pedaço de lenha e enfrentado sozinho os policiais que haviam sido chamados para conter a confusão: “deparando com três guardiões da ordem, imperturbavelmente fardados de branco, não teve dúvida – quadrou o corpo, entrou rachando e os espalhou de golpe, como rasteiras (SANHUDO, 1975, p. 114-116, Apud POGLIA, 2012, p.11)

Em 1920 no Arrabalde da Glória, é noticiada a briga entre um policial e um “homem, que era magro, alto e estava bem trajado” que “quadrou o corpo, estendeu os braços e desferiu espetacular golpe de pernas em pleno peito do ‘rato branco’ imprudente. (...) A espada, por uma dessas fatalidades inexplicáveis, caiu ao pé do capoeira, que a apanhou do chão” (SANHUDO, 1975, p. 122, Apud POGLIA, 2012, p.11).

⁴ Urucungo também é uma forma de se referir ao berimbau.

No início do século XX, começam a aparecer indicações sobre capoeira fora do contexto do confronto, das brigas e coloca-a junto de trabalhadores e transeuntes, trazendo também, indicações sobre a existência de rodas e pessoas jogando capoeira.

No dia 11 de Novembro de 1906, o jornal Independente publicou que no mercado público, do lado dos cais, estivadores, diaristas, brigões e desempregados gritavam obscenidades e empurravam pedestres alarmados, empunhando facas, se agrupavam ao redor de rodas de capoeira, colocando um vigia para alertar sobre algum policial patrulhando a área (BAK, 2003, p.187, apud POGLIA, 2012, p.13).

Em 1916, o jornal Independente registrava trabalhadores da estiva jogando capoeira no mercado público e “brincando” de luta de faca (PESAVENTO, 2003, p.187, apud POGLIA, 2012, p.13).

No artigo “Pulera e Birú: Indícios da capoeira em Porto Alegre dos séculos XIX e XX”, de Jane Mattos (2009) publicado em um site⁵, que também foi baseado em crônicas e periódicos publicados durante o século XIX e início do século XX, podemos perceber que a capoeira é presente em nossa cidade desde muito tempo. E assim, como no trabalho de POGLIA 2012, os conflitos e as brigas são uma constante e estas desavenças muitas vezes acabavam em mortes. Os processos criminais trazem diversos detalhes sobre estes ocorridos:

Em agosto de 1872, João do Prado, vindo da cidade do Rio de Janeiro, 21 anos, solteiro, cozinheiro, escravo de Thereza Cammilla de Lima e Silva, é acusado de causar ferimentos no pardo Leonel, escravo, que acabou morrendo. João do Prado em, seu relato dizia ser amigo do pardo Leonel e que os dois reuniam-se costumeiramente para brincar nas vendas de Antônio Francisco de Mello, situada na Rua da Olaria, atual General Lima e Silva, e que no dia do acontecimento, brincando ambos, como de costume, e jogando capoeira, o mulato Leonel lhe dera uma cabeçada e que ele, o acusado, dera um golpe de enxada na cabeça de Leonel sem esperar que produzisse tão grande mal (Mattos, 2009, s/p).

Em 1886, conforme processo crime instaurado, Fellipe, crioulo, 12 anos, solteiro, escravo doméstico, entrou em conflito com Manoel, de mais ou menos 18 anos, solteiro de cor preta, de

⁵ Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/pulera-e-biru-indicios-da-capoeira-na-porto-alegre-dos-seculos-xix-e-xx/22017/>

condição ignorada, que por causa de um grave ferimento, veio a falecer. Conforme uma das testemunhas, Guilherme Brandão, português, alfaiate, relata que os dois crioulos estavam brigando, supondo estarem jogando capoeira (Mattos, 2009, s/p)

Mattos (2009) ainda nos traz em seu artigo que os jornais da época denunciavam que a repressão policial demorava a chegar para acabar com as brigas de capoeira. Por exemplo, o jornal A Gazetinha no dia 03/11/1898 fez publicações relacionadas ao tema:

Em 03 de Novembro de 1898, o Jornal Gazetinha atenta para o atraso da polícia na repressão à capoeiragem, “durante uma briga ocorrida na rua 24 de Maio, uma das ruas mais movimentadas da cidade na época, entre Manoel Pulera e Manoel Joaquim e que teve início num jogo de capoeira onde após alguns tombos, Manoel Joaquim tenta agredir Manoel Pulera com uma faca e a briga se estende sem que a polícia apareça (Mattos, 2009, s/p).

A partir dos relatos acima, percebemos que a prática da capoeira até as primeiras décadas do século XX estava presente em nossa cidade de uma forma marginal, marcada por ocorrências policiais ou como perturbação da ordem.

De 1920 até o final dos anos 60 há uma lacuna nas informações sobre a presença da capoeira em Porto Alegre, não constando nenhuma informação nos trabalhos acadêmicos e nem nas outras fontes que foram investigadas.

Porém com base nas entrevistas concedidas por alguns mestres para o trabalho de conclusão de Dornelles (2011) e que fazem parte do acervo do CEME – Centro de Memória do Esporte da UFRGS e para o Projeto Angola POA (2014), é possível dar continuidade a este processo histórico, a partir das histórias dos mesmos, que abaixo serão apresentadas em ordem cronológica, numa série de acontecimentos que se cruzam, trazendo um panorama sobre a prática da capoeira a partir dos anos 70 até os dias atuais.

1.6 A capoeira em Porto Alegre a partir dos anos 70

De acordo com Dornelles (2011), Mestre Churrasco conta que em sua infância, no final dos anos 60, trabalhava como engraxate no centro da cidade e muitas vezes via brigas dos seus colegas, onde eles usavam golpes similares a movimentação da capoeira, como rasteiras e cabeçadas que eles aprendiam

observando as brigas que aconteciam entre os marinheiros e frequentadores da zona do meretrício e em 1972, ele se inscreveu no Clube Rui Barbosa e começou a treinar com Cal Henri Xavier, um gaúcho caminhoneiro, que durante suas viagens à Bahia, tinha aprendido um pouco de capoeira. Ainda Dornelles (2011) afirma que Mestre Churrasco, em 1974 participou de seu primeiro batizado, estando presentes o mestre baiano Vadinho, que havia chegado naquele ano a Porto Alegre convite de Cal para dar aulas de capoeira na ACM – Associação Cristã de Moços e o carioca Monsueto, carateca e mestre de capoeira, que também tinha chegado a Porto Alegre naquele ano, mas para dar aulas de karatê na academia Kidokan e com o tempo passou a dar aulas de capoeira também.

Em entrevista concedida ao Projeto Angola POA (2014), Mestre Ratinho conta que em 1974, com 17 anos de idade, começou a aprender capoeira com Mestre Vadinho na ACM e após um tempo foi dar aulas no Clube Caixeiro Viajantes onde ficou até ir treinar com Mestre Monsueto na academia Kidokan.

Mestre Batista, informou ao Projeto Angola POA (2013) que estudava na ACM e conheceu Vadinho, mas por motivos particulares não deu início aos treinos.

Mestre Jaburu, em 1974, quando tinha 12 anos, conforme relatou ao Projeto Angola POA (2013) foi para o Rio de Janeiro e começou a aprender capoeira na Quinta da Boa Vista, com Mestre Nelson King. Alguns anos depois volta para Porto Alegre e encontra alguns capoeiristas no parque da Redenção, era o Mestre Churrasco e o Grupo Zumbi dos Palmares. Fica um tempo e volta para o Rio de Janeiro.

De acordo com Dornelles (2011), em 1976, quando Cal, parou de dar aulas, Churrasco criou a Associação de Capoeira Angola Zumbi dos Palmares e continuou treinando nos fundos de seu quintal, na vila Mato Sampaio, atual bairro Bom Jesus. Seus primeiros alunos foram seus irmãos e amigos, sendo que alguns se tornaram mestres, como Ivonei, Bartelemei, Silvinho e Fernando, desenvolvendo trabalhos de capoeira até os dias de hoje.

Ao Projeto Angola POA (2014) Mestre Ivonei informou que começou a aprender capoeira com Mestre Churrasco no bairro Bom Jesus e ficou treinando até 1979, quando o mestre viajou e na volta não quis mais dar aula para os alunos antigos. Conta que faziam rodas na Redenção e que um dia

foram numa roda numa academia na Rua Riachuelo e foram barrados por Mestre Cerqueira porque não tinham roupa adequada.

Para Dornelles (2011) Mestre Nino Alves, aponta que com 17 anos de idade, iniciou na capoeira com Mestre Monsueto na Academia Kidokan e lá ele conheceu o Mestre Ratinho que já estava treinando na Kidokan. Diz também que nesta época havia poucas rodas de rua, mas muitas apresentações em clubes e informa que ele foi o primeiro aluno de Mestre Paulinho Matogrosso, que havia chegado de Curitiba trazendo o Grupo Muzenza para nosso estado.

Em 1978, de acordo com Dornelles (2011) Mestre Churrasco e seus alunos começaram a se apresentar na Redenção, inclusive foram matéria do Jornal Zero Hora e nas suas rodas domingueiras passavam mestres, como Cal, Índio, Ferro Velho, Paulinho, Monsueto, Cerqueira, que eram os mestres que tinham trabalho na cidade.

Foi neste ano, com 16 anos de idade que Renatinho, conforme entrevista ao Projeto Angola POA (2014) começou a treinar capoeira com Mestre Cerqueira, na academia Kidokan, Mestre Cerqueira era colega de Mestre Monsueto no CPC – Centro Paranaense de Capoeira e veio a convite deste para ajudar nas aulas da Kidokan. Renatinho lembra que às vezes rolava na frente, uma roda que reunia capoeiristas de outros grupos como Muzenza.

Batista, também começa a treinar capoeira em 1978 na Kidokan, passando por mestre Cerqueira e Monsueto, até conhecer mestre Paulinho Matogrosso (ANGOLA POA, 2014).

Também em 1978, Ratinho deixa de treinar com Mestre Monsueto e começa a compartilhar um pouco do que aprendeu com alguns, estudantes de engenharia na UFRGS que lhe procuraram com objetivo de aprender capoeira começou a desenvolver um trabalho de capoeira revolucionário no Centro de Estudantes Universitários da Engenharia da UFRGS, com uma proposta mais livre, horizontal, onde iriam aprender e ensinar de acordo com as suas experiências e deram o nome a este coletivo de Filhos da Vivência em 1978, ficando até 1979, quando saiu para cursar educação física no IPA e lá deu seguimento as aulas do grupo. Neste mesmo ano vai à Bahia e traz o Mestre Índio para fazer um trabalho de capoeira na cidade. A relação com mestre Índio não dá certo e Ratinho continua com o grupo filhos da vivência e começa a

trabalhar nos centros comunitários da prefeitura como professor de educação física, levando capoeira para a periferia (ANGOLA POA, 2014).

Ao Projeto Angola POA (2014), Mestre Paulo de Jesus disse que aprendeu os primeiros passos de capoeira com o seu pai e nos anos 70, participou do grupo Zumbi dos Palmares, liderado por Mestre Churrasco e onde já estava treinando Fernando.

Mestre Renato Capoeira lembra conforme entrevista ao Projeto Angola POA (2013) que no final dos anos 70, ele começou a aprender capoeira com Mestre Paulo. Citando ainda nome de capoeiristas como Cinquentinha, Jaburu, Norberto, Churrasco, Bartelemei, Gato, as rodas na Redenção e o grupo Zumbi dos Palmares. Conta também que nos anos 80, o Jornal Zero Hora fazia várias matérias sobre a capoeira. Quando o grupo Zumbi dos Palmares começa a se dissolver, ele cria a Escola Bê a Bá de Angola: Malta dos guris e gurias de Rua.

Ao Projeto Angola POA (2015) Mestre Miguel Machado informou que chegou em 1981 a Porto Alegre e que inicialmente deu aulas na Córneo Escola de Dança e em seguida alugou um espaço na Rua da Ladeira, atual Rua General Câmara onde se tornou a sede do grupo Cativoiro, reunindo alunos que treinavam com Mestre Churrasco, entre eles, Ivonei, Fernando, Treze, Cavalo Louco, Mico, Jaburu e o próprio Churrasco, que ficou bem pouco tempo. Conforme Mestre Miguel ele é que dá início as rodas de capoeira da Rua dos Andradas.

No início dos anos 80, em virtude do falecimento do seu irmão, Norberto, que também era capoeirista, Jaburu volta a Porto Alegre e conhece Mestre Miguel que lhe convida para fazer uma roda na esquina democrática. Em seguida passa a fazer parte do Grupo Cativoiro, ficando até 1995, momento em que juntamente com Mestre Ratinho cria o Grupo Rabo de Arraia (ANGOLA POA, 2013).

A partir de 1982, de acordo com Dornelles (2011), Mestre Nino participou de diversos campeonatos nacionais de capoeira e em 1983 foi diretor do departamento de capoeira, dentro da CBP – Confederação Brasileira de Pugilismo.

Mestre Batista lembrou ao Projeto Angola POA (2013), que em 1984, Batista ele foi formado contramestre pelo Mestre Paulinho Mato Grosso do

Grupo Muzenza e em fevereiro de 1986, foi a Salvador/BA e conheceu a capoeira angola⁶.

Entre 1986 e 1988, Mestre Ratinho conforme Projeto Angola POA (2014) deu aulas na Casa de Cultura Mário Quintana que estava em situação precária, antes da reforma, ocorrendo ali grandes eventos.

Entre 1986/1987, foi quando eu tive contato com uma roda de capoeira na esquina democrática, no centro de Porto Alegre, local que nas sexta feiras a noite, servia de ponto de encontro da juventude negra, acontecendo ali rodas de breakdance e rodas de capoeiras organizadas pelo Grupo Cativoiro, cujo mestre era Miguel⁷. Em 1988, comecei a aprender capoeira com o professor Fernando, do grupo Cativoiro, que dava aula na Academia Stilo, localizada na Rua General Câmara. No início dos anos 90, passei a treinar com o professor Ratinho, pois o professor Fernando, por motivos particulares, para de dar aulas.

Foi também em 1988, que o Professor Jaury em entrevista ao Projeto Angola POA (2014) informou que com 14 anos de idade, começou a treinar em uma academia onde já estava o Mestre Renatinho, lembrando de várias rodas no brique, em especial as que aconteciam no final de domingo. Disse ainda que tempos depois foi convidado por Mestre Renatinho para fazerem um trabalho juntos de capoeira angola.

Em outubro de 1989, Contramestre Batista cria o grupo Mocambo e deixa de usar graduação do tipo cordel e se dedica a pesquisar o estilo capoeira angola, posteriormente conheceu Mestre Barba Branca⁸ (BA) que passou a ser a referência do grupo. Em 1993, começou a dar aulas na Lomba do Pinheiro e na vila Bom Jesus (ANGOLA POA, 2013).

Para Barbosa (2017), Alessandra informou que iniciou na capoeira em 1993 com Mestre Churrasco, numa sala alugada de um grupo de teatro, que ficava em frente ao Instituto de Artes da UFRGS e após um tempo ingressou nos grupos de Somaterapia e passou a treinar capoeira com os demais integrantes através de vídeos, até que chegou Elma Silva em Porto Alegre e

⁶ A capoeira angola é um estilo de capoeira menos esportivizado e que valoriza os aspectos culturais afrodescendentes.

⁷ Insiro momentos da minha trajetória dentro da capoeira nesse momento do trabalho, pois os trabalhos acadêmicos que estou utilizando para reconstruir os fatos aqui relatados contam a minha trajetória uma vez que contribuo para a continuidade da capoeira na cidade.

⁸ Gilberto Reis, mestre de capoeira da Bahia.

começou a dar aulas para o pessoal da Soma. Alessandra lembra ainda que, ela foi uma das primeiras alunas do Grupo Solta Mandinga e que posteriormente passou por diversos grupos e que deu aulas na periferia, através do projeto descentralização da cultura.

Mestre Batista, em 1994 começou a dar aulas no Ginásio Tesourinha, local que está até os dias de hoje e criou a Semana Porto Alegre de capoeira angola, ocasião que mestre Barba Branca vem pela primeira vez a Porto Alegre (ANGOLA POA, 2013).

Professor Vermelho, em entrevista ao Projeto Angola POA (2014) diz que em 1993 ele fazia parte de um grupo de somaterapia e que neste ano ele iniciou na capoeira com Mestre Churrasco e treinou em diversos lugares como na Usina do gasômetro, UMESPA e na Casa do estudante da UFRGS.

Em Maio de 1995, Ratinho sai do grupo cativo e funda a ACCARA - Associação Cultural de Capoeira Angola Rabo de Arraia juntamente com o professor Jaburu (ANGOLA POA, 2014).

Em 1995, Fabi começou a treinar no grupo Cone Sul, onde o Mestre era o Cerqueira. Em novembro de 1995, Elma Silva, maranhense que iniciou na capoeira em 1986 com Mestre Patinho, chega a Porto Alegre para dar oficinas na escola de dança FRATER, após algumas aulas conhece o pessoal que fazia somaterapia e passa a dar aulas para eles na Companhia de Artes (BARBOSA, 2017).

Em 1996 é criado o Coletivo Solta Mandinga, com base anarquista, sendo Elma a pessoa responsável pelos treinos. Neste ano Mestre Pato vem pela primeira vez a Porto Alegre e lhe concede o título de Contramestre (ANGOLA POA, 2015).

Em 1996, a ACCARA realizou um seminário de educação popular, com base na monografia de conclusão de curso de pós graduação do Professor Ratinho, no CEVI – Centro Esportivo da Vila Ingá, localizado na Zona Norte da cidade e que contou com a presença Mestre Lua Rasta, de Salvador/BA (ANGOLA POA, 2014).

Em novembro 1996, a convite de Professor Renato Capoeira, do grupo Maltas dos Guris e Gurias de Rua, vem a Porto Alegre, Mestre René Bittencourt, baiano de Salvador, para ministrar oficina na EPA – Escola Porto Alegre (ANGOLA POA, 2013).

Em 1997, sou reconhecido como instrutor de capoeira e comecei a dar aulas em centros comunitários, na Associação Satélite Prontidão em Porto Alegre e na Sociedade Rui Barbosa em Canoas.

No início de 1998, após algumas viagens a Salvador/BA para participar de encontros de capoeira angola, me desliguei da ACCARA – Associação Cultural de Capoeira Angola Rabo de Arraia e abri um núcleo da ACANNE – Associação de Capoeira Angola Navio Negreiro, grupo de capoeira angola liderado por Mestre Renê e que possuía filiais em alguns estados do Brasil.

Em 1998, conforme relatou ao Projeto Angola POA (2015) a contramestra Elma, saiu do coletivo Solta Mandinga, que permaneceu ativo até 2004, tendo os capoeiristas Nelsinho e Vermelho a frente dos trabalhos e tendo o Mestre Boca do Rio/BA como referência. Em 1999, Contramestra Elma cria o grupo Nzambi de Capoeira Angola e passa a dar aulas em escolas municipais de educação infantil.

Em 1999 Fabi, participou do 1º fórum gaúcho de capoeira, que lhe trouxe muitas inquietações e fez repensar a sua prática, saindo então do grupo Cone Sul e indo treinar com um professor que era seu amigo. Em 2000, foi morar em Salvador e começou a treinar com o grupo Zimba de Capoeira Angola. Alguns anos depois volta a Porto Alegre e passa a ajudar dar aulas no grupo Zimba de Porto Alegre (BARBOSA, 2017)

Para Barbosa (2017) Inajara Ramos informou que em 2000 começou a participar de um grupo de capoeira angola que dava aulas na Associação dos moradores do bairro Rubem Berta, periferia de Porto Alegre.

Em 2000 eu fui representante da ACANNE – Associação de Capoeira Angola Navio Negreiro do Coletivo de Capoeira angola para participar 1º Fórum Gaúcho de Capoeira, que era composto pelos grupos Rabo de Arraia, Mocambo, ACANNE, Nzambi, Solta mandinga, Sabedoria Popular, Escola Bê a Bá de Angola, Zimba.

Em 2001, Miriam Alves, iniciou na capoeira num grupo de capoeira regional, onde realizou várias atividades no Hospital São Pedro, porém ao ver uma roda de capoeira angola no brique se encantou (BARBOSA, 2017).

Em 2002, Inajara começou a dar aulas para crianças em creches. Após um tempo vai morar em Santa Catarina. Ao voltar a Porto Alegre, por indicação do seu professor, vai dar aulas em projetos sociais na Vila Cruzeiro e Lomba

do Pinheiro, como professora de capoeira e educadora social (BARBOSA, 2017)

Em depoimento ao Projeto Angola POA (2014), Jean do grupo Raízes do Sul, informou que em 2003 começou a fazer rodas aos domingos à tarde no Parque da Redenção.

Em 2003, Contramestra Elma vai para Brasília, funda um núcleo do grupo nesta cidade, enquanto deixa alguns alunos continuando a capoeira em Porto Alegre, posteriormente Elma muda-se para Florianópolis (ANGOLA POA, 2015).

Em 2003, eu, juntamente com o Mestre Renê decidimos fechar o núcleo da ACANNE em Porto Alegre e neste mesmo ano, fundo a Africanamente Escola de Capoeira Angola como grupo de trabalho da Organização Não Governamental Africanamente Centro de Pesquisa, Resgate e Preservação de Tradições Afrodescendentes que já existia desde 2001 e a garagem de minha casa passa a ser o local de treinos durante três anos.

Professor Vermelho relata ao Projeto Angola POA (2014) que em abril de 2004 o grupo Solta Mandinga foi incorporado ao Grupo Zimba, cujo Mestre é Boca do Rio (BA) e além das aulas na Companhia de artes no centro da cidade, eles passam a realizar aulas no bairro Morro Santana, na periferia de Porto Alegre.

Em 2006, Miriam Alves começou a treinar na Africanamente Escola de Capoeira Angola, sendo uma das idealizadoras do 1º Encontro “Adão, Adão, cadê Salomé, Adão”, que aconteceu em março de 2007 e em 2008, quando engravidou e precisou de repouso intenso e parou de treinar (BARBOSA, 2017).

Em 2006, a Africanamente Escola de Capoeira Angola, passa a funcionar em um espaço alugado no bairro Bom Fim, próximo ao centro, onde se torna a sede do grupo até 2012. No Março de 2007 foi realizado pela Africanamente Escola de Capoeira Angola, o 1º Encontro Adão. Adão, cadê Salomé Adão? objetivando refletir sobre as relações de gênero na Capoeira Angola, estes encontros aconteceram até 2011 (POGLIA, 2010).

Em outubro 2007 eu colaborei na construção do seminário denominado “A história da capoeira angola em Porto Alegre e os caminhos para preservar sua identidade em tempos de globalização” que fez parte da programação da

5ª Semana de Capoeira de Porto Alegre, que aconteceu no Memorial do Estado do Rio Grande do Sul e onde estiveram presentes Mestre Moa do Katende da Bahia, Contramestra Elma, que veio de Brasília e capoeiristas locais, tais como, Batista, Ratinho, eu, Nelsinho e integrantes dos grupos de capoeira Associação de Capoeira Angola Cultura Popular, Grupo Mocambo de Capoeira Angola, N'Zambi Grupo de Capoeira Angola, Grupo de Capoeira Raízes do Sul, Grupo Zimba de Capoeira Angola, Grupo de Capoeira Filhos da Vivência e Coletivo de Capoeira Angola Solta Mandinga.

Em 2007, Alessandra e outras capoeiristas fundaram o coletivo Teresa de Benguela para estudar a história de mulheres na capoeira. Alguns meses depois foi ela convidada para participar do evento Adão, Adão, cadê Salomé, Adão? que foi realizado pela Áfricanamente Escola de capoeira Angola e simpatizando com o grupo, começou a treinar, ficando no mesmo durante alguns anos, até que saiu para se dedicar ao teatro (BARBOSA, 2017).

Em 2008, a convite de um amigo, Magnólia começou a treinar na Africanamente Escola de Capoeira Angola e então com o passar do tempo deu aulas em projetos sociais em centros comunitários, terreiros e em escolas através do Projeto Mais educação e em cursos de extensão da UFRGS. Em 2010, ela e Karine, outra colega de Áfricanamente, foram as idealizadoras da roda no Largo Zumbi dos Palmares que foi potencializada pelos seus parceiros de grupo (BARBOSA, 2017).

Em Outubro de 2010, passei a ser contramestre, recebendo o título de Mestre Renê, numa cerimônia que reuniu diversos capoeiristas da cidade de Porto Alegre.

Em 2013, Ratinho foi formado Mestre de capoeira, por Mestre Moa do Katende que reuniu uma comissão de mestres de vários estados do País. Após o seu trabalho de conclusão de curso em educação popular começa a dar aulas de capoeira na Universidade (ANGOLA POA, 2014).

Em 2014, Magnólia juntamente com um colega de grupo, desenvolveram um projeto chamado Angola POA, onde entrevistaram as lideranças da capoeira angola em Porto Alegre, tendo como produto um site contendo o vídeo das histórias dos mesmos (BARBOSA, 2017).

1.7 O que falta saber sobre o início da capoeira em Porto Alegre

As análises de todos estes materiais permitiram saber que a capoeira é presente em Porto Alegre, no mínimo desde o século XIX e semelhante a outras cidades como Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Esta presença até metade do século XX, não era bem aceita, aliás, em Porto Alegre, conforme relato dos mestres mais velhos é somente a partir da década de 70, que a capoeira deixa de ser um problema social e passa a ser ensinada em academias e clubes esportivos por pessoas que haviam aprendido a capoeira em outros estados e por mestres que haviam imigrado para Sul.

Quase todas as pessoas que serviram de fontes para a realização dos trabalhos analisados, são herdeiras direta ou indiretamente, deste movimento iniciado nos anos 70.

Em 2016, foi realizado um levantamento pelo Ponto de Cultura Africanamente, que apontou a existência de 33 grupos de capoeira atuantes em Porto Alegre. A lista dos grupos foi publicada no dia 03 de março de 2016 e está disponível na página do facebook “Mapa da capoeira de Porto Alegre”. Inclusive muitos destes grupos foram citados na revisão bibliográfica para este trabalho.

Por fim, percebo que, apesar da importância deste movimento de aceitação social da capoeira que aconteceu em Porto Alegre a partir da década de 70 e do legado deixado conforme a quantidade de grupos que estão em atividade, há pouquíssimas informações que revelam os processos de chegada, instalação e desenvolvimento da Capoeira neste período em nossa cidade. Quem foram estes mestres pioneiros? Quais as primeiras academias e locais de ensino? Qual o perfil dos primeiros alunos? Estas e outras questões é que procurarei descobrir através deste trabalho.

2. ESCUTANDO OS MAIS VELHOS

2.1 Metodologia

Para responder as perguntas condutoras deste trabalho, comecei a refletir sobre os caminhos que deveriam ser percorridos para alcançar meus objetivos. Então, elaborei um plano investigativo, composto por diversas fases para obter as informações que demandariam o acesso de fontes diversas.

A primeira fase foi saber quais as informações que eu precisaria obter, para isso pesquisei trabalhos já realizados sobre o tema e analisei outras fontes, para verificar o que já estava disponível e o que ainda faltava. A segunda fase consistiu em identificar com quem eu poderia obter as informações desejadas e cheguei à conclusão que as pessoas que vivenciaram a capoeira neste período poderiam fornecê-las. A terceira fase referiu-se a escolha do método e dos instrumentos a serem utilizados na coleta destas memórias e também de uma reflexão conceitual sobre memória e história oral. A quarta fase deu-se durante as realizações das entrevistas que foram desenvolvidas através de um roteiro semiestruturado. E por fim, a quinta e sexta fase foram os momentos de transcrever e analisar as falas.

2.2 Primeira fase: Revisão bibliográfica

A partir da consulta em sites de busca específicos para produções acadêmicas pesquisei trabalhos que foram realizados no Rio Grande do Sul sobre a capoeira ou que tinham como tema a história da capoeira gaúcha. Também procurei informações em artigos, sites e documentários para complementar os trabalhos acadêmicos. Após a leitura destas fontes, selecionei e analisei as informações que tinham relação com tema de minha investigação e cheguei à conclusão de que era necessário obter mais dados para poder compreender o início e desenvolvimento da capoeira em Porto Alegre.

2.3 Segunda fase: Identificando os mestres

Observando um dos princípios mais importantes da capoeira que é sempre buscarmos respostas junto aos mais velhos, procurei algumas pessoas que vivenciaram a capoeira no período estudado, a fim de conhecer, a partir de

suas memórias e suas histórias, como foi a chegada dos mestres ‘matrizes’, onde deram aulas e o legado deixado por eles.

Os nomes dos mestres ‘matrizes’, Cal, Vadinho, Índio, Monsueto, Cerqueira, Paulinho, Ferro Velho e Churrasco, já eram de meu conhecimento, conforme exposto na introdução deste trabalho, mas as tramas de suas histórias em Porto Alegre ainda estavam por ser contadas, e ninguém melhor do que eles próprios. Porém, destes mestres, Vadinho, Cerqueira, Ferro Velho e Monsueto já haviam falecidos, Mestre Cal não se sabe o paradeiro e Mestre Paulinho mora em Mato Grosso e há muitos anos não vem a Porto Alegre, o que dificultava o acesso e contato. Assim, como a história de um mestre deve ser continuada e preservada pelos seus discípulos, procurei pessoas que tinham aprendido capoeira ou convivido com estes mestres, bem no início de sua chegada. A minha condição de capoeirista que transita neste universo há bastante tempo facilitou consideravelmente o processo de identificação destas pessoas e a aceitação delas para colaborarem nas entrevistas, até porque, elas também entenderam que este trabalho é uma forma de honrar e perpetuar o nome de seus mestres.

Foram convidados para colaborar neste projeto, Mestre Carson que iniciou em 1978 com Mestre Paulinho, Mestre Mano que iniciou em 1975 com Mestre Índio, Mestre Fernando que iniciou em 1976 com mestre Churrasco, Mestre Jacó que iniciou em 1977 com Mestre Cerqueira, João Horácio que iniciou em 1977 com Mestre Índio, Marcelo quem iniciou em 1978 com Mestre Monsueto, Odon que iniciou em 1977 com Mestre Cerqueira e por último, o único mestre matriz que eu tive a possibilidade de entrevistar foi Mestre Índio, que estava em Porto Alegre, participando de um evento do grupo Filhos de Oxósse. Para saber sobre os mestres Cal e Vadinho eu utilizei partes das entrevistas fornecidas por Mestre Churrasco e Mestre Ratinho ao projeto Garimpendo Memórias do CEME/UFRGS e ao Projeto Angola POA. As informações sobre Mestre Ferro Velho foram extraídas das falas de alguns entrevistados que tinham tido algum tipo de convívio ele.

Os contatos com os mestres foram realizados pessoalmente, por telefone e pelo aplicativo whatsapp. Onde eu explicava sobre o trabalho, apresentava a proposta e combinava o dia da entrevista. Porém, alguns mestres precisaram de um tempo para confirmar a sua participação e eu tive

que ligar novamente, inclusive dizendo que a maioria dos convidados estavam concordando em colaborar, porque entendiam que era uma forma de tornar pública a história do seu mestre. E por fim eu perguntava: “Tu vai deixar o teu mestre de fora?”

Com o tempo outros capoeiristas foram se interessando em participar, mas a limitação de tempo e a grandiosidade de informações que seriam extraídas nestas falas, não seriam possíveis de colocar neste trabalho.

Eu já tinha consciência do que queria saber e já tinha as fontes que poderiam me fornecer este conhecimento, porém faltava saber como fazer, como eu poderia obter estas informações a partir de suas lembranças e de que forma eu iria organizar todas estas falas para que fizesse sentido e fosse possível compreender o cenário da capoeira na época estudada.

2.4 Terceira fase: Oralidade e memória

Considerando que esta busca passaria por questões que envolviam histórias e memórias das pessoas que fizeram parte deste processo, foi fundamental compreender conceitos relativos a memória, oralidade e história oral, para saber o quanto podemos nos apoiar nesta forma de obter informações.

Através da consulta em literaturas que abordam métodos que dialogam sobre este tema, percebo que obter informações através dos relatos passa por algumas reflexões. A começar por A.Hampayté Bá – no artigo A tradição Viva, publicado no livro História geral da África I, que nos diz:

Para alguns estudiosos, o problema todo se resume em saber se é possível conceder à oralidade a mesma confiança que se concede à escrita quando se trata do testemunho de fatos passados. No meu entender, não é esta a maneira correta de se colocar o problema. O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem.

(...)

Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? (A.HAMPAYTÉ BÁ, 2010, p. 168).

Importante pensar que a capoeira é uma prática que tem seus ensinamentos preservados e transmitidos secularmente através da oralidade.

Já, Vansina, no faz refletir sobre as sociedades que tem a oralidade como meio de manutenção das suas práticas, declara:

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais. (...) transmitido verbalmente de uma geração para outra.

(...)

A oralidade é uma atitude da realidade e não a ausência de uma habilidade. (VANSINA, 2010, p. 140).

Ferreira, no artigo, História, tempo presente e história oral, observa que o registro da história oral, começou nos Estados Unidos.

A coleta de depoimentos pessoais mediante a utilização de um gravador iniciou-se na década de 1940 com o jornalista Allan Nevins, que desenvolveu um programa de entrevistas voltado para a recuperação de informações acerca da atuação dos grupos dominantes norte-americanos. Esse programa veio a constituir o Columbia Oral History Office, organismo que serviu de modelo para outros centros criados nos anos 50 em bibliotecas e arquivos no Texas, Berkeley e Los Angeles. Esse primeiro ciclo de expansão do que se chamou de história oral privilegiou o estudo das elites e se atribuiu a tarefa de preencher as lacunas do registro escrito através da formação de arquivos com fitas transcritas (FERREIRA, 2012, p. 09).

E ainda acrescenta que a velocidade que as informações circulam na atualidade, influencia na manutenção ou perda da memória.

A aceleração do tempo e a preocupação com a perda de sentido do passado e com o aumento da capacidade de esquecer têm levado as sociedades contemporâneas a demonstrar grande interesse em recuperar a memória e também a história (FERREIRA, 2012, p. 12).

Como resultado desta busca, adotei como metodologia a história oral para validar estas experiências, estas representações do passado, que não estão registradas em nenhuma fonte a não ser em memórias das pessoas que vivenciaram de alguma forma a capoeira na década de 1970 em Porto Alegre.

A partir das informações que eu considerava estar parca nos trabalhos anteriores sobre o assunto ou que precisavam ser mais profundamente estudados, elaborei um roteiro de perguntas a partir das minhas inquietações,

resultando num instrumento de coleta de dados a partir de entrevista semi estruturada que serviu para organizar as informações, pois cada pergunta específica, gerava várias outras respostas fundamentais para atender aos objetivos de minha investigação. Assim, elaborei um roteiro composta de 14 perguntas que foram aplicadas nos meses de fevereiro, março e abril deste ano. Os relatos foram gravados e posteriormente transcritos na íntegra.

2.5 Quarta fase: Realização das entrevistas

As entrevistas foram realizadas conforme a agenda dos entrevistados e em lugares que facilitasse o acesso e fosse tranquilo/silencioso para uma conversa.

O primeiro entrevistado foi Marcelo Freitas Soares, numa sexta a noite do dia 22 de fevereiro e foi realizada em minha casa, num bate papo descontraído, onde revivemos situações que passamos juntos, pois durante um tempo fomos parceiros de grupo e desde que eu iniciei na capoeira somos amigos, uma amizade de mais de trinta anos. O segundo foi João Horácio Borges, no dia 07 de março, quinta a noite, e a entrevista aconteceu na sede da Áfricanamente Escola de Capoeira Angola, pois João, apesar de ser mais velho e experiente do que eu, eventualmente faz aulas conosco. O terceiro foi Mestre Mano, a entrevista aconteceu no dia 08 de março, no final da manhã de uma sexta feira e também foi na sede da Africanamente, porque era um lugar de fácil acesso para o mestre. O quarto entrevistado foi Mestre Fernando Braga, no dia 13 de março e foi realizada nas dependências do Colégio Marechal Rondon, onde o mestre trabalha dando aulas de educação física. O quinto e sexto entrevistado foi Mestre Jacó e Mestre Odon, pois os dois acharam melhor falar sobre a história do seu mestre conjuntamente e a entrevista aconteceu num café do Shopping Total, numa quinta feira a tarde do dia 21 de março, pois era um lugar acessível aos mestres. O sétimo entrevistado foi Mestre Carson e aconteceu no dia 04 de Abril, quinta feira a tarde, no mesmo café onde entrevistei mestres Jacó e Odon, no Shopping Total e a escolha deste lugar também foi em virtude de ser de fácil acesso para todos. Por fim, o oitavo e último entrevistado foi Mestre Índio, a entrevista aconteceu no dia 05 abril, sexta feira inicio da tarde, no apartamento de uma aluna, na Rua 24 de Outubro, pois é o local onde mestre estava hospedado.

As entrevistas que foram gravadas com um celular e um microfone de lapela duraram em média 90 minutos e foram realizadas de forma descontraída, num estilo de bate papo. As perguntas serviram como guia, um mapa a ser percorrido nas memórias dos entrevistados, o que permitiu compartilhar as informações que muitas vezes não foi questionada, mas os mestres consideravam necessárias.

2.6 Quinta fase: Transcrição das entrevistas

Após a coleta das falas, foi o momento, talvez a parte mais demorada e ao mesmo tempo significativa, de transcrever as memórias dos entrevistados. Esta tarefa foi realizada por mim, através da escuta e digitação, apesar das indicações de amigos, para que eu usasse um software que faz este tipo de serviço. Mas creio ter feito a escolha correta, pois ao ouvir as entrevistas várias vezes, pude perceber detalhes que não havia percebido durante a realização da entrevista.

As falas foram transcritas literalmente e resultaram em 72 (setenta e duas) páginas de histórias, apesar de o início da capoeira em Porto Alegre ser o tema principal, elas se estenderam e passaram por lembranças de cunho mais pessoal e por informações e reflexões sobre a capoeira na atualidade.

2.7 Sexta fase: Análise das informações

Após a leitura deste extenso material, selecionei as falas que se referiam ao período de minha investigação e a partir desta seleção iniciei a análise das mesmas, que serão apresentadas no próximo capítulo.

3. QUEM VEM LÁ SOU EU, BERIMBAU MAIS EU

3.1 A capoeira moderna em Porto Alegre

Após todo esse processo de busca, em diferentes tipos de fontes, tentando obter informações relativas a história e desenvolvimento da Capoeira em Porto Alegre, percebo que é na década de 1970 que mestres⁹ vindos de outros estados, como Bahia, Paraná, Rio de Janeiro, Mato Grosso, chegam a Porto Alegre e passam a dar aulas, adaptando o seu sistema de ensino, que era calcado na observação e numa relação mais personalizada, conforme as culturas de tradição popular, para um sistema de transmissão de conhecimentos diferenciado, que envolvia ministrar aulas para diversas pessoas simultaneamente, em um tempo e espaço pré-estabelecido e em locais específicos de práticas corporais, como por exemplo, academias de ginásticas e clubes esportivos, passando logo a seguir para centros universitários e faculdades.

Este período pode ser entendido como um marco em que a Capoeira, deixa de estar presente apenas como uma prática individual, ou em ocorrências policiais ou em crônicas literárias e passa a ser praticada em nossa cidade numa perspectiva coletiva, como uma prática cotidiana envolvendo principalmente um público jovem de classe média alta, utilizando de lugares específicos de ensino e ocupando parques e praças de Porto Alegre, sem a interferência ou repressão policial.

*Inclusive nós pegamos uma parte da capoeira que era demonstrar a arte, o único grupo a se apresentar no Leopoldina Juvenil¹⁰ para os top 10 de lá, fomos nós, o primeiro grupo a ir para um estúdio de televisão, fazer um show aqui em Porto Alegre, fomos nós, ou seja, nós criamos uma forma de demonstrar para a sociedade que aquele esporte que estava chegando podia mudar várias coisas.
(Mestre Jacó, 21/03/2019)*

Era moderna da capoeira ou capoeira moderna é como alguns mestres entendem esta nova forma de manifestação da capoeira em nossa cidade, ou

⁹ Neste trabalho trataremos todos os capoeiristas que fizeram parte do processo de implantação da capoeira em Porto Alegre, como mestres, mesmo que na época eles ainda não o fossem, inclusive poderemos no decorrer do texto, identificar o momento de sua legitimação formal como mestres.

¹⁰ A Associação Leopoldina Juvenil é um clube fundado em 1863 na cidade de Porto Alegre frequentado por pessoas de classe alta e conservadora.

seja, na década de 70, a capoeira deixa de ser caso isolado, pontual, e passa a fazer parte do dia a dia, com estruturação de grupos e escolas, organização coletiva, ritos de iniciação e formação de novos multiplicadores.

*Mas eu acredito que a capoeira no RS, nesta fase mais moderna, não tenha mais que 50 anos.
(Mestre Carson, 04/04/2019)*

Busco com esse trabalho aprofundar os conhecimentos sobre o processo de desenvolvimento da capoeira em Porto Alegre nesta época, contribuindo com informações de fontes orais advindas de capoeiristas, mestres e contramestres que viveram a capoeira neste período, objetivando dar visibilidade aos agentes responsáveis pela implantação desta prática em nossa cidade, como também compreender as motivações, conhecer as redes de relações, saber sobre os desafios e identificar os locais e as pessoas que fizeram parte desta história.

3.2 Tramas da capoeira em Porto Alegre na década de 70

Apesar da capoeira, estar historicamente presente nos estados da Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco, conforme dossiê¹¹ do IPHAN – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural, é o legado baiano que nos 60 começa se espalhar para outros estados brasileiros.

*Depois de conhecer a Bahia, eu percebi logo de cara, que a Bahia, era como se fosse, assim, um núcleo, um núcleo energético da capoeira, o que dá o axé, o axé está lá na Bahia, o axé todo, eu achava isso.
(...)*

*Então assim, a capoeira faz uma volta, a capoeira já existia na Bahia, sim, já existia na Bahia há bastante tempo, né, se bem que a capoeira do Rio é diferente um pouco da Bahia, a trajetória dela, né, mas, de qualquer forma, os grandes mestres se tu olhar, é tudo baiano, tudo vem da Bahia e vão para outros estados.
(Mestre Mano, 08/03/2019)*

¹¹ Em 2007 o IPHAN, órgão vinculado ao Ministério da Cultura realizou uma profunda pesquisa que serviu de inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil.

E das diversas possibilidades de compreender e expressar a capoeira, seja como um jogo, uma dança ou uma vadiação¹², é a luta, os aspectos bélicos que são mais valorizados na sua expansão nacional.

A capoeira é uma luta Guto, né, vamos dizer que há um consenso, uma unanimidade em pensar que a capoeira foi criada pelos escravos por necessidade de liberdade, por necessidade de resistência, nós não podemos dizer que ela é só uma dança, só uma brincadeira, só vadiagem, não, ela é uma luta.
(Mestre Mano, 08/03/2019)

Eu consegui sobreviver, porque acho que o gaúcho gosta muito de luta e eu ensinava capoeira como luta, não ensinava capoeira como jogo, capoeira de rua, luta.
(Mestre Índio, 05/04/2019)

Vários mestres baianos vem para a região sudeste em busca de melhores condições de vida e posteriormente vão descendo até chegar ao Estado do Rio Grande do Sul.

Por exemplo, que talvez tu possa pensar, tu, talvez alguns anos atrás, se tu pensar assim, aqui em Porto Alegre o mercado tá legal, mas se eu for para interior, lá não tem capoeira, eu vou ir lá fazer, tu pensa duas coisas, tu vai ir lá ensinar e tu vai ir lá, suprir um mercado de trabalho que pode te dar vantagem financeira.
(Mestre Mano, 08/03/2019)

É neste movimento que entre 1969 e 1970, o baiano Manoel Olimpio, conhecido na capoeira como Mestre Índio, vem fazer apresentações de capoeira em casas noturnas de Porto Alegre, Canoas, Santa Maria e Caxias do Sul e mantém uma rotina de viagens entre Porto Alegre, Bahia e Europa, pois também fazia apresentações na casa de shows Tenda dos Milagres¹³ em Salvador (BA), além de fazer parte do grupo folclórico Viva Bahia¹⁴, que realizava excursões anualmente para o exterior.

Um dia eu fui para Santos, São Paulo, e numa apresentação que eu fiz, veio um cantor, chamado Gilberto, que era gaúcho e disse: Rapaz, o show de vocês é muito bom, querem fazer numa boate no Rio Grande do Sul?
(Mestre Índio, 05/04/2019)

¹² Na capoeira, vadiação significa brincar, jogar descontraidamente, usar o espaço da roda para uma espécie de confraternização entre os praticantes.

¹³ Restaurante localizado na Orla de Salvador que nos anos 70 recebia muitos turistas para assistir aos shows folclóricos.

¹⁴ É o primeiro e mais importante Grupo folclórico, foi fundado em 1962 por Emilia Biancardi e fez diversas apresentações no Brasil e no exterior.

Conforme Mestre Mano, Mestre Índio não só fazia os shows, como ainda, algumas vezes levava uns alunos para ajudar nas apresentações.

*Ele vinha para fazer shows de capoeira no Dragão Verde¹⁵, Gruta Azul¹⁶,
nestas boates aí.*

(...)

*O Zebrinha ia com Mestre Índio nas boates fazer shows, e o mestre Índio, ele dava
uns saltos muito bonitos.
(Mestre Mano, 08/03/2019)*

Após a realização de um show, o mestre é convidado por um sócio do Petrópolis Tênis Clube¹⁷ para dar aulas neste local. O convite foi aceito e o Mestre Índio inicia suas aulas para um grupo de 20 alunos.

*Em 74, aí um dia, tinha um rapaz que era empresário, chamava Garrado, encantado
com o espetáculo que eu fazia, perguntou se eu dava aula pro filho dele. Bom dar aula não é o
caso, eu quero saber aonde. Ele disse, sou sócio do Clube Petrópolis e arrumo uma sala lá do
clube para você dar aula, tá eu vou, mas não vou dar aula para um só.
(Mestre Índio, 05/04/2019)*

A cada semana aumentava o número de participantes, exigindo com que o Mestre ficasse por mais tempo na cidade para firmar as raízes do grupo Filhos de Oxósse¹⁸.

*Tinha muito aluno, cheguei a dar aula aqui para 200 alunos naquele tempo, nem viajar
eu queria mais.
(Mestre Índio, 05/04/2019)*

Quando Mestre Índio inicia as aulas no Petrópolis Tênis Clube, já havia em Porto Alegre, dois trabalhos de capoeira acontecendo, o de Cal Henri Xavier e o de Vadinho.

¹⁵ Boate que funcionou até 1980, localizada na Av. Farrapos esquina com Rua Ernesto Alves, foi palco para muitos artistas e tinha em sua fachada a famosa figura do Dragão Verde em neon.

¹⁶ Famosa na década de 80, localizada na Av. Farrapos, era lugar de shows nacionais e internacionais, após um incêndio, passou a funcionar na Rua Gaspar Martins, onde está até hoje.

¹⁷ Tradicional clube da cidade fundado em 1941, localizado no bairro Petrópolis.

¹⁸ Filhos de Oxósse é o nome do grupo de capoeira fundado por Mestre Índio em 1969 em Salvador/BA.

*Fui procurar um lugar, onde diziam que tinha capoeira aqui, cheguei lá encontrei quem? Um neguinho com um gorro vermelho, era o neguinho Churrasco, deste tamainho, parecia um anzol, magro que só ele. Aí eu cheguei lá e eles estavam fazendo um maracatu, porque aquilo não era capoeira, porque nem Cal, nem Vadinho foram capoeiristas, mas eles levavam o nome da capoeira.
(Mestre Índio, 05/04/2019)*

Mestre Mano reforça esta informação sobre o fato de Mestre Cal ser mais antigo que Mestre Índio no ensino da capoeira em Porto Alegre, destacando ainda, que Mestre Cal não chegou a se beneficiar dos movimentos vindos do sudeste que inseriram a capoeira na classe média e que ele tinha uma ocupação principal além de dar aulas de capoeira. Quando perguntado sobre Mestre Cal, ele respondeu:

*O cara era caminhoneiro, então assim, isso é uma coisa anterior a vinda destes dois mestres, destas duas vertentes de capoeira, que veio já com esta força de mídia e de atingir a classe média, entendeu?
(Mestre Mano, 08/03/2019)*

Cal Henri Xavier, dava aulas na Academia Rui Barbosa, uma academia de artes marciais administrada pelo Seu Nei Albuquerque, localizada na Rua Riachuelo, quase esquina com a Rua Caldas Junior. Esta academia parece ser o primeiro espaço formal de ensino de capoeira em Porto Alegre. O gaúcho Cal, era caminhoneiro e radialista, havia aprendido capoeira através de suas viagens pelo Brasil e ensinava neste local, pelo menos desde 1972. Em entrevista a Ederson Dornelles do Projeto Garimpando Memórias, Mestre Churrasco relata o seu início com Mestre Cal: “Dois anos depois foi onde surgiu o meu mestre Cal Henry Xavier. A primeira coisa que fiz foi me inscrever na capoeira. (...) Foi no clube Rui Barbosa” (DORNELLES, entrevista concedida em 11/10/2011).

Vadinho, era baiano, ogã¹⁹ de candomblé²⁰ e veio para Porto Alegre, em 1974 a convite de Cal para dar aulas na ACM²¹ – Associação Cristã de Moços, que até hoje está localizada na Rua Washington Luis, s/nº. Foi lá que Mestre Ratinho teve seu início na capoeira e ao Projeto Angola POA ele contou um pouco desta história. “Um amigo meu ficou sabendo pelo jornal que tinha um

¹⁹ Pessoa responsável para executar os toques e cânticos para os orixás.

²⁰ Religião afro brasileira.

²¹ A ACM foi fundada em 1844 em Londres e em 1901 começou a atuar em Porto Alegre.

curso novo na ACM (...) com um baiano chamado Vadinho, eu tinha 16, 17 anos” (RATINHO, entrevista concedida em 2014).

*Então uma vez o Ratinho falou que tinha capoeira na ACM e eu fui lá e fiz uma aula com o Vadinho em 1977.
(Mestre Carson, 04/04/2019)*

Conforme alguns depoimentos, Cal e Vadinho não eram ‘capoeiristas de formação’²², eram mais apreciadores da capoeira e que compartilhavam um pouco do que sabiam, mas, mesmo assim, seus nomes são respeitados pelos seus trabalhos em prol da divulgação da capoeira.

*Depois eu fui saber que o Vadinho não era mestre, mas era um baiano e pouca gente conhecia a capoeira aqui, então ele era um cara que atraiu a atenção da galera.
(Mestre Carson, 04/04/2019)*

*Quando eu comecei ele não estava mais jogando. Na real eles tinham uma noção, tocavam um berimbau e tal, mas eram mais como um entusiasta de capoeira.
(Mestre Odon, 21/03/2019)*

Mestre Índio, que conhecia Mestre Vadinho de Salvador, identifica a ligação de Mestre Vadinho com o Candomblé e também questiona o seu papel enquanto mestre de capoeira.

*Eu fazia parte do conjunto Viva Bahia da Emilia Biancardi e também me apresentava na Tenda aonde tocava o Vadinho, pai de santo e não capoeirista.
(Mestre Índio, 05/04/2019)*

Mais no final de 1974, Mestre Monsueto chega a Porto Alegre, para dar aulas de karatê na academia Kidokan²³, uma academia centrada no ensino de artes marciais e durante um tempo desempenha esta função até que o dono da academia, o Sr. Chalegre²⁴, fica sabendo que ele além de ser faixa preta de

²² Capoeiristas de formação, são aos capoeiristas que tiveram a aprendizagem com um mestre ou em um grupo, que tenham uma história dentro do universo da capoeira, ou seja, que, tenham passado por processos de iniciação e de reconhecimento e que podem identificar com quem aprenderam.

²³ Academia Kidokan é uma das primeiras academias a ter aulas de capoeira em Porto Alegre, famosa nos anos 70 e 80, encerrou suas atividades no final dos anos 90.

²⁴ Petrucio Chalegre gerente da academia Kidokan.

karatê, também é mestre de Capoeira, e lhe pede para dar aulas de capoeira na academia, em dias alternados as aulas de karatê.

*Mestre Souza dava aula na Kidokan, tá, ele dava aula de karatê, né, com quimono e tudo, mas também fazia capoeira, ele dava aula de capoeira lá, assim, o que eu lembro desta época, é que ele não tinha grupo.
(Mestre Mano, 08/03/2019)*

Neste íterim, Mestre Ratinho após treinar alguns meses com Vadinho, deixa a ACM, porque conforme ele declarou em entrevista ao Projeto Angola POA, “ao invés de me ensinar, já estava me colocando para dar aula aos colegas”(RATINHO, entrevista concedida em 2014). Descontente com esta situação, Ratinho sai da ACM e com outros amigos, ficam treinando por um tempo no Parque da Redenção²⁵ ou parque Farroupilha como é o seu nome oficial, que fica localizado no Bairro Bom Fim e tem uma forte relação com a história do povo negro em Porto Alegre Lá neste parque ele conhece Mestre Churrasco que também usava o parque para treinar.

*Ele começou com Cal e Vadinho. O Ratinho é um dos mais antigos, depois do Churrasquinho, o Ratinho é um dos mais antigos.
(Mestre Odon, 21/03/2019)*

Em seguida ele consegue um espaço para continuar seus treinos, no Clube dos Caixeiros Viajantes²⁶, onde fica por um tempo. Porém, sentindo a necessidade de ter alguém que pudesse ampliar seus conhecimentos, ele vai treinar na Academia Kidokan, com Mestre Monsueto.

*Antes deles teve aqui o Monsueto dando capoeira, misturava capoeira com karatê, negãozinho esperto, o negócio dele era ganhar dinheiro, entendeu, então se aula era de karatê ia lá e dava aula de Karatê, e se era de Capoeira, ia lá e dava aula de capoeira e tinha um Cal, que era um radialista.
(Mestre Fernando, 13/03/2019)*

²⁵ O nome Redenção refere-se ao momento em os negros recém libertos foram se instalar neste parque porque não tinham para onde ir. Atualmente um dos parques mais frequentados da cidade.

²⁶ Clube tradicional de Porto Alegre, fundado em 1880 e situado na Rua Dona Laura, bairro Rio Branco.

Neste período, Mestre Índio além de dar aulas no Petrópolis Tênis Clube, também começa a dar aula num espaço no centro da cidade, que ficava na Rua Marechal Floriano esquina com a Rua Otávio Rocha.

*Abri minha própria academia ali na galeria, ao lado da Galeria do Rosário²⁷, eu tinha um salão ali, próprio, onde era cheio.
(Mestre Índio, 05/04/2019)*

João Horácio que começou a aprendeu capoeira com Mestre Índio neste espaço, traz outra visão sobre o local.

*A academia era numa invasão lá no centro da cidade, numa galeria, num prédio que estava inacabado, que, aliás, continua inacabado até hoje, na galeria do Rosário, na época a gente entrava por um corredorzinho e subia as escadas, totalmente inacabado, com os vãos abertos, até o 3º andar, aonde ele montou a casa dele e a academia.
(João Horácio, 07/03/2019)*

Lá o Mestre ficou até quando foi convidado para ir dar aulas na Academia Mudança²⁸, que era uma academia de classe média alta e com valores de mensalidades mais elevados do que os cobrados na academia do centro.

*O mestre passou a ser bastante conhecido e passou a ser requisitado para outros ambientes e surgiu um convite para que ele fosse dar suas aulas numa Academia de Dança, chamada Mudança e nesta época ele fez uma triagem, pois a maioria dos alunos dele não tinha poder aquisitivo e neste local ele precisava de pessoas que tivessem condições de pagar a academia, daí era outro patamar, era outro nível e eu sei que eu acabei dançando, acabei ficando fora.
(João Horácio, 07/03/2019)*

Quando Cal parou de dar aulas, em 1976, Mestre Índio, por um tempo, também assumiu a capoeira da Academia Rui Barbosa.

*Eu dei aula na Budokan, dei aula no Seu Nei Albuquerque²⁹, que depois Cal largou mais Vadinho,
(Mestre Índio, 05/04/2019)*

²⁷ A galeria do Rosário é um local de muita movimentação e possui diversas lojas que vendem perfumes e equipamentos eletrônicos.

²⁸ Academia de dança e ginástica fundada em 1982 na av. Independência que atendia pessoas de classe alta.

²⁹ Nei Albuquerque era responsável pela Academia Rui Barbosa e um grande incentivador das lutas.

Mestre Churrasco que então fica sem mestre, passa a compartilhar um pouco do que aprendeu para um grupo de jovens que se reuniam no quintal de sua casa, localizada na Vila Mato Sampaio³⁰, atual Bairro Bom Jesus, na periferia da cidade.

*Eu sempre gostei muito de exercício, aí começo a trabalhar e fico sem tempo para fazer exercício, aí meu cunhado, pô cara, tem um negão ensinando capoeira de graça aí no Sampaio, aí digo: “Tá brincando?” e ele não, é de graça, cara. Aí o que acontecia eu chegava do serviço botava um calção e ia lá pro Sampaio, ficava bem no meio do Sampaio, que era o Churrasquinho.
(Mestre Fernando, 13/03/2019)*

Mestre Índio também deu aulas no IPA³¹ – Instituto Metodista de Porto Alegre e foi o primeiro mestre de capoeira a fazer um trabalho dentro de uma universidade de Porto Alegre.

*Quem me levou pra lá foi os próprios alunos da educação física, que me apresentou o gestor lá e ele apoiou a capoeira lá dentro, mas ele não ajudava a capoeira. E como eu tinha muito lugar para dar aula, terminou eu saindo de lá e ficando cá (...).
(Mestre Índio, 05/04/2019)*

Mais uma vez, Mestre Mano que foi seu aluno, confirma as informações de Mestre Índio.

*Comecei a treinar capoeira com Mestre Índio no IPA, faculdade de educação física do IPA, eu tava cursando a faculdade de educação física e começamos lá um grupo de colegas, de amigos, treinávamos, porque o mestre Índio ele era um capoeirista excelente.
(...)
Eu era presidente do diretório acadêmico, então tinha uns momentos que ele não ia dar aulas, sabe ele parou de dar aulas e eu assumi para não queimar o filme da faculdade e aí eu acabei assumindo lá e aí foi o início da capoeira dentro de uma universidade.
(Mestre Mano, 08/03/2019)*

Após alguns anos de aprendizagem, surge a primeira geração de professores locais, Ratinho, Mano, Churrasco, Nino³², Batista, Torelli, Farol,

³⁰ Mato Sampaio é umas diversas vilas que compõe o complexo da Vila Bom Jesus, situada na periferia de Porto Alegre.

³¹ O Centro Universitário Metodista – IPA é uma instituição de educação superior privada, comunitária, confessional, com sede na cidade de Porto Alegre, mantida pela igreja Metodista e fundada em 1971.

³² Lindomar Alves, Mestre Nino, foi um dos primeiros alunos de Mestre Paulinho em Porto Alegre.

Karcará³³, Carson, Renatinho³⁴, Ivonei³⁵, Jacó e Odon, que começam a dar aulas em diversos espaços da cidade, ampliando o trabalho e ajudando a fortalecer o processo de implantação da capoeira em Porto Alegre, que havia iniciado em 1972.

Eu fui treinar com um aluno formado dele, Torelli³⁶, que já tinha o cordão azul nesta ocasião, e nós fomos treinar na Federação Gaúcha de Pugilismo³⁷, na Riachuelo quase esquina com a Rua da Ladeira, este prédio era um casarão antigo e lá a gente treinou pelo menos um dois anos (...).
(João Horácio, 07/03/2019)

O Batista³⁸, já falei pra ele, que é o primeiro cara que eu vi com abordagem didática para ensinar a capoeira, o Batista é um professor por excelência, aí ele começou a ensinar colegas da aula dele e da minha aula.
(Mestre Carson, 04/04/2019)

Ratinho após deixar de treinar com Mestre Monsueto passa a dar aulas no CEUE³⁹ – Centro dos Estudantes Universitários de Engenharia da UFRGS e lá reúne vários jovens que se identificavam com a sua forma de ensino mais horizontalizada.

No CEUE, criam o Grupo Filhos da Vivência e neste espaço, Mestre Carson, em 1978, retoma a aprendizagem da capoeira, sendo seus parceiros de treino, Mano, Serginho⁴⁰ e Perci.

Eu reencontrei o Ratinho quando ele tava fazendo um trabalho no CEUE, que era o Clube de Engenharia da UFRGS, que ficava num prédio histórico na Borges, esquina com uma ruazinha que vinha da Osvaldo Aranha, e o Ratinho fazia um trabalho ali e ali tinha figuras da época como Serginho, Perci, o Mano já jogava capoeira, e eu comecei a treinar ali, mal sabia gingar e era um lugar que não tinha mestres, os mestres só apareciam lá para jogar.
(Mestre Carson, 04/04/2019)

Quando Ratinho vai estudar no IPA, ele deixa de dar aulas no CEUE e continua ensinando na universidade, para seus colegas de curso.

³³ Paulo Narciso, um dos primeiros alunos de Mestre Índio.

³⁴ Renato Vieira começou a treinar em 1978 com Mestre Cerqueira na Academia Kidokan.

³⁵ Ivonei Fontoura começou aprender com Mestre Churrasco em 1975 na Vila Mato Sampaio.

³⁶ Eduardo Torelli foi um dos primeiros alunos de Mestre Índio em Porto Alegre e quando ele saiu do grupo ele já era considerado um capoeirista experiente e apto a dar aulas.

³⁷ Quando a academia Rui Barbosa fechou o espaço foi utilizado para ser a sede da Federação Gaúcha de Pugilismo.

³⁸ Mestre Batista iniciou na capoeira em 1978 e treinou com Mestres Cerqueira, Monsueto e Paulinho.

³⁹ Fundado em 1903 participou ativamente no processo da redemocratização brasileira.

⁴⁰ Serginho ou Zebrinha é um dos alunos mais antigos de mestre Índio e muito lembrado pelos mestres.

*O Ratinho foi junto com o Zebrinha, que me ensinou a ginga, cocorinha, meia lua de frente, isso tudo lá na ESEF do IPA, mas eles não eram mestres, eles eram meus colegas.
(Mestre Mano, 08/03/2019)*

Com a saída de Ratinho quem assume os treinos no CEUE e permanece dando aulas até 1979, é Macaô⁴¹, capoeirista do Estado de Sergipe e sobre ele Mestre Carson lembra:

*Ele começou a dar aulas ali e eu fiquei amigo dele, passei a treinar com ele, no mesmo lugar, no CEUE, era gente finíssima, estressado um pouco na roda, mas jogava uma capoeira bonita, fiquei bem triste quando soube que ele morreu, não sei se foi câncer, já faz bastante tempo, nesta época ele também dava aula em Canoas.
(Mestre Carson, 04/04/2019)*

Em Porto Alegre, Macaô, conforme Mestre Carson, “andou treinando com Mestre Cerqueira” (CARSON, entrevista concedida em 04/04/2019), um baiano de Brumadinho, que chegou em 1978, após morar em Curitiba e passar por Pelotas, para dar aulas na Academia Kidokan juntamente com Mestre Monsueto. Mestre Jacó que treinava nesta academia com Mestre Monsueto, lembra com detalhes o dia que conheceu Mestre Cerqueira e resolveu ser seu aluno.

*Mestre Souza⁴² disse que ia apresentar um contramestre que ia fazer uma demonstração de saltos e eu te digo assim, com toda certeza, nestes 40 anos envolvidos com capoeira, eu não vi ninguém com a meia lua mais rápida que o Cerqueira, ele treinava com uns pesos nas pernas, eu treinei também. Então ele era muito rápido, muito rápido, dando salto, deu aula lá de saltos, aquela coisa e fiquei olhando e porra velho, é aí que eu vou.
(Mestre Jacó, 21/03/2019)*

*O mestre Cerqueira sempre foi um cara muito quieto, nunca foi de falar muito, nunca foi exibido assim, ele nunca se expôs muito, ele era muito quieto na dele, eu não me lembro do nome do grupo dele, nunca ouvi saber, se ele tivesse um grupo com o nome tal. Eu sabia que ele tinha bons alunos.
(Mestre Mano, 08/03/2019)*

Após um tempo, Mestre Monsueto entra em divergência com o dono da academia, deixa a Kidokan e vai dar aulas em uma academia concorrente, a Academia Budokan, que ficava localizada na Rua Siqueira Campos, no centro

⁴¹ Aluisio Coutinho Neves Ferreira, conhecido como Mestre Macaô, falecido em 17/10/1998, atuou mais no município de Canoas.

⁴² É outro nome utilizado para se referir a Mestre Monsueto, cujo nome completo é Ananilson de Souza Monsueto.

da cidade. Mestre Cerqueira então assume as aulas de capoeira na Kidokan e lá fica por muitos anos, inclusive realizando diversos batizados que reuniam mestres de capoeira da cidade e de outros Estados.

*Eu não sei porque que mestre Souza saiu, ele se desentendeu com Chalegre, não sei, e saiu e o Mestre Cerqueira entrou.
(Mestre Jacó, 21/03/2019)*

Lá no IPA, Mestre Ratinho, Mestre Mano e Serginho, nos intervalos das aulas do curso de educação física, dão continuidade ao trabalho do grupo Filhos da Vivência, que atrai muitos estudantes e inclusive levam Mestre Índio para dar aulas lá durante um tempo, sendo realizados também alguns batizados.

*E quando eu cheguei no IPA tinha o pessoal do Mano, do Ratinho, lá, eles eram um grupo só, os Filhos da Vivência nasceu lá no IPA, né, com uma proposta inovadora na época de ter um grupo sem mestre e tal.
(Mestre Carson, 04/04/2019)*

Na academia Rui Barbosa, após a saída de Mestre Índio, quem continua as aulas de capoeira, é Paulinho Matogrosso, um contramestre, do Grupo Muzenza, que veio de Curitiba em 1978, para estudar na UNISINOS.

*E no final de 79, inicio dos anos 80, eu fui treinar na Muzenza, na academia Muzenza na Riachuelo, com o então Contramestre Paulinho.
(Mestre Carson, 04/04/2019)*

Ele fica nesta academia por um tempo, até abrir a sua própria academia, a academia Muzenza, na Rua Marechal Floriano nº 49, centro da cidade. A academia prospera e Paulinho chama Mestre Monsueto para ajudar a dar aulas.

*Aí o Mestre Monsueto estava ajudando o Mestre Paulinho da Muzenza, na época, o Mestre Paulinho já estava na Marechal Floriano, numa academia que ele teve durante muitos anos, bem perto do antigo abrigo, do Chalé da praça XV, um prediozinho, 5º ou 6º andar, saía do elevador, dava de cara com a sala.
(Mestre Carson, 04/04/2019)*

Como a procura por capoeira continuava grande, Paulinho traz de Curitiba, o também contramestre, Ferro Velho, aluno de Mestre Sergipe, do CPC – Centro Paranaense de Capoeira, que vem para atender a demanda de alunos, aliás, contramestre Ferro Velho é o último capoeirista que chega a Porto Alegre, na década de 70, para ensinar capoeira.

*O Paulinho convidou o Ferro Velho, que ele já conhecia do Paraná, para vir dar aula em sua academia, porque ele tava com muitos alunos.
(Mestre Jacó, 21/03/2019)*

Sobre Mestre Ferro Velho, cujo nome era Israel de Paula Pires, Mestre Carson traz mais algumas informações.

*Ele era aluno do Mestre Sergipe, mas ele trabalhou um tempo com Mestre Paulinho também. Ele era um cara muito de boa, apesar de ser um cara grande e forte, bom de capoeira, mas ele não queria problema com ninguém e teve uma época que ele teve o grupo dele.
(Mestre Carson, 04/04/2019)*

Os mestres acima apresentados deram a forma e o conteúdo da capoeira ensinada em Porto Alegre nos anos 70, demarcaram territórios, disputaram legitimidades, criaram símbolos de pertencimentos, comportamentos identitários e implantaram de forma consistente a prática da capoeira em nossa cidade.

*Na época os mestres era Índio, Monsueto, tinha o mestre ali da Kidokan, o mestre Cerqueira, Ferro Velho, que seriam os mestres de Porto Alegre na atividade, na época era os mais antigos que tinha, agora não estou recordando muito, mas (...) Ahh, tinha esquecido de citar o mestre Churrasco, que também já tinha um trabalho, aí, né.
(Marcelo Freitas, 22/02/2019)*

*Nós tivemos esta honra de abrir os caminhos para muita gente que está aí hoje. Hoje o pessoal com a academia cheia ou com a academia vazia, não pensa que teve gente aqui, lá trás, abrindo as portas.
(Mestre Jacó, 21/03/2019)*

Estes mestres que aprenderam capoeira com os descendentes de escravizados e que pertenciam as classes mais empobrecidas de seus locais de origem, encontraram nos jovens de classes média e alta, um público ávido por novidades e que enxergaram na capoeira um espaço de liberdade de expressão, de convívio grupal e prestígio individual.

*Os mestres geralmente eram negros, as academias eram em lugares caros, eu acho até, que na época eu parei de treinar, porque fiquei sem condições de pagar, porque o contrato era de 06 meses. Mas a Capoeira era 90 por cento branco, cara. Sempre foi mais homens, tinha mulher né, mas era minoria.
(Marcelo Freitas, 22/02/2019)*

*E estes caras, negros, com exceção do Paulinho que era um capoeirista branco, vindo Paraná, os outros eram mestres eram negros, vindos de periferia e discriminavam os caras que eram de periferia.
(Mestre Fernando, 13/03/2019)*

É possível perceber que os espaços de ensino estavam localizados em sua grande maioria no centro da cidade, Rui Barbosa, Kidokan, Budokan, Muzenza, Oxósse, ACM, Mudança e CEUE, havendo também alguns espaços em bairros de classe média, como a Faculdade do IPA e os Clubes Petrópolis e Caixeiros Viajantes e um espaço na periferia, na Vila Bom Jesus. Conforme o mapa apresentado a seguir é possível ver os locais onde a capoeira na década de 1970 esteve presente.

FIGURA 1: Mapa da região central de Porto Alegre, indicando academias e parques onde eram realizadas as rodas de rua.



Fonte: Imagem elaborada por Mário Augusto da Rosa Dutra

LEGENDA: As academias e clubes estão sinalizadas em amarelo e os parques, onde aconteciam as rodas de rua, estão sinalizados em verde.

- B** – Academia Budokan - Mestre Índio e Mestre Monsueto.
- RB** – Academia Rui Barbosa - Mestre Cal, Mestre Índio e Mestre Paulinho.
- ACM** – Associação Cristã de Moços - Mestre Vadinho.
- K** – Academia Kidokan - Mestre Monsueto e Mestre Cerqueira.
- CEUE** – Centro Estudantes Universitários UFRGS - Mestre Ratinho e Mestre Macaô.
- MI** – Academia de Mestre Índio
- M** - Academia Muzenza - Mestre Paulinho, Mestre Monsueto e Mestre Ferro Velho
- AM** – Academia Mudança onde Mestre Índio deu aulas
- CCV** – Clube dos Caixeiros Viajantes - Mestre Ratinho.
- IPA** – Universidade do IPA - Mestre Mano, Mestre Ratinho e Mestre Índio
- P** – Parque Moinhos de Vento ou Parcão - Mestre Índio e Mestre Paulinho.
- R** – Parque da Redenção - Mestre Churrasco, Mestre Índio e Mestre Paulinho.

Como podemos ver, as academias do centro eram próximas uma das outras, inclusive durante um tempo Mestre Índio e Mestre Paulinho, tiveram suas academias na mesma rua, na Rua Marechal Floriano.

Aí minha mãe me levou na academia lá do Mestre Índio, academia fechada, não tinha ninguém para me atender, aí ela não queria voltar né, daí me lembrei que tinha a academia Muzenza, com o Mestre Paulinho. Aí foi lá o primeiro contato com a capoeira que eu tive, o Paulinho estava afastado, aí na época quem estava dando aula era o Mestre Souza, o Monsueto.
(Marcelo Freitas, 22/02/2019)

Ele começou dando aula na Rui Barbosa, com o Seu Nei, depois foi para academia da Marechal Floriano, aí depois ele teve um problema, onde ele bateu o pé num espelho e cortou o pé.
(Mestre Carson, 04/04/2019)

A academia Budokan onde Mestre Monsueto deu aulas durante um tempo, também era próxima das anteriores.

Ele deu aula em outros lugares, inclusive numa academia top, lá na Siqueira Campos, chamada de Meibukan, que depois teve o nome de Budokan, que era concorrente direta da Kidokan e ali o Mestre Souza deu aula por muito tempo, depois ele deu aula em outros lugares por aí.
(Mestre Jacó, 21/03/2019)

Na parte mais alta da cidade estavam a academia Kidokan, cujo mestre passou a ser Mestre Cerqueira e ficava localizada na Rua Duque de Caxias.

Quando eu entrei e conheci o Cerqueira, eu entrei em 78 e o Cerqueira era Contramestre, ele chegou aqui como contramestre, aí o Mestre Souza saiu e ele assumiu Kidokan para dar aulas em definitivo na Kidokan.
(...)

Eu só tive um mestre, apesar de ter vários mestres que me ajudaram, que é o mestre Cerqueira, eu comecei treinando na Academia Kidokan, que ficava na Duque de Caxias com a Vigário José Inácio.
(...)

Eu acho que ela não era uma academia muito cara, apesar do pessoal dizer que ela era uma academia mais elitizada, ela era um dos tops de academia em Porto Alegre na época.
(Mestre Jacó, 21/03/2019)

A academia Rui Barbosa, considerada a primeira academia a colocar aulas de capoeira em Porto Alegre, ficava na Rua Riachuelo esquina com a Rua Caldas Junior.

Era a academia do Seu Nei, que ele era um cara que lidava com lutas. Esta academia ficou histórica.
(Mestre Carson, 04/04/2019)

Já a ACM – Associação Cristã de Moços e o CEUE/UFRGS – Centro dos estudantes universitários de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde respectivamente Mestre Vadinho e Mestre Ratinho deram aulas, ficavam um pouco mais afastadas das demais academias, pois localizavam-se nos limites do Centro com o Bairro Cidade Baixa. E para finalizar a relação das academias que ficavam na região central, tem a Academia Mudança, onde Mestre Índio também deu aulas e que ficava nas imediações do Bairro Independência.

Os espaços fora do centro ficavam nos bairros Rio Branco e Petrópolis, que eram bairros de classe média e alta e neles estavam localizados a Faculdade do IPA, o Clube Caixeiros Viajantes e o Clube Petrópolis. Na periferia, no Bairro Bom Jesus, localizava-se o espaço de ensino de Mestre Churrasco, que dava aulas nos fundos de sua residência.

*Nós tivemos o privilégio de ir a um evento dele, lá dentro da Bom Jesus e fomos muito bem recebidos.
(Mestre Odon, 21/03/2019)*

Apesar das proximidades dos espaços de ensino no centro da cidade, que poderia causar um sentimento de concorrência por alunos, parecia que a convivência entre elas era harmoniosa e muitas vezes os mestres, às vezes sozinhos, outras vezes com seus alunos, transitavam entre elas, tanto para dar aulas, como participar de eventos ou rodas quando convidados.

*As vezes ele recebia gente na Kidokan, as vezes fazia roda mais fechada, para evitar bagunça, mas sempre nesta história assim, de ter respeito, de não bagunçar o local de trabalho, esta era a política dele.
(Mestre Jacó, 21/03/2019)*

É importante destacar que a imagem da capoeira nos anos 70, era de uma prática totalmente esportiva, sendo inclusive, reconhecida pelo MEC⁴³, como um desporto brasileiro, a partir de dois simpósios realizados em 1968 e 1969, pela CBP – Confederação Brasileira de Pugilismo, que era o órgão responsável pela capoeira, na cidade no Rio de Janeiro, para organizar a prática em âmbito nacional, estes

⁴³ O parecer do General Jayr Jordão Ramos (MEC/CND, 1972), reconhecia a Capoeira como Desporto, mas dizia aguardar que a CBP apresentasse as normas orientadoras das competições da modalidade em todo o território nacional, efetivamente aprovadas, oficializadas e divulgadas em 1973.

encontros aconteceram dentro de estruturas militares, que influenciaram o comportamento dos capoeiristas, que passaram a carregar uma série de valores como ordem, disciplina, progresso, higiene, uniforme, hierarquia e respeito a pátria, assim, toda desordem vinha na contramão das ideias da época. Inclusive FALCÃO 2004, em sua tese de doutorado, O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana, aponta sobre este fato e suas repercussões na prática da capoeira.

A regulamentação da capoeira pela CBP⁴⁴ reflete as influências do sistema sócio-político vigente na época. Convém lembrar que, nesse período, o Brasil vivia sob os auspícios da ditadura militar, e os códigos dominantes da Educação Física apregoavam o rendimento como mola mestra das atividades corporais. Neste sentido, a capoeira, como esporte, contribuiria para o fortalecimento da mentalidade competitivista, um dos suportes ideológicos desse período. A CBP, como instituição corporativa controlada pelo Estado autoritário, através do Conselho Nacional de Desportos (CND), tratava a capoeira como um desporto do ramo pugilístico, adotando boa parte das normatizações verificadas em outras modalidades de luta oficialmente praticadas no Brasil. (Falcão, 2004, p. 103)

O Regulamento de Capoeira, editado pelo Departamento de Capoeira da CBP, em dezembro de 1972, passou a vigorar a partir de 1º de Janeiro de 1973, foi revisto e atualizado pela Assessoria de Capoeira em setembro de 1986 (CBP, 1987). Este Regulamento deixa evidente a pretensão dos seus executores, investidos de autoridade delegada pelo Estado, de querer organizar e padronizar, através de normas e regras e segundo critérios próprios, toda a prática da capoeira no território nacional. Tal Regulamento exigia dos “capoeiristas” prática “limpa e leal”, em que todos os preceitos técnicos exarados nele, fossem rigorosamente cumpridos. (Falcão, 2004, p. 104)

A Federação Paulista em 1974 adotou um sistema de condutas como uso de uniformes, saudação à bandeira, ordem unida, organização de campeonatos e critérios unificados para identificação de níveis técnicos que eram demarcados através do uso de cordéis coloridos, que tinham por referência as cores da bandeira nacional. Este sistema de regras era baseado no Regulamento Técnico de Capoeira, um documento elaborado pela Confederação Brasileira de Pugilismo que é citado em trabalhos como o artigo “Capoeira: da criminalização no código penal de 1890 ao reconhecimento como esporte nacional e legislação aplicada” de Janine de Carvalho Ferreira Braga e Bianca de Souza Saldanha, publicado no livro Direito, Arte e Literatura II, pela Universidade Federal da Paraíba em 2014. Onde os autores citam.

⁴⁴ CBP – Confederação Brasileira de Pugilismo, órgão responsável pela capoeira de 1953 até 1992.

Em 26 de dezembro de 1972, a capoeira foi oficializada pela Confederação Brasileira de Pugilismo, tendo o Regulamento Técnico da Capoeira sido aprovado pelo Conselho Nacional de Desportos. Campeonatos nacionais de capoeira passaram a ser realizados desde então. (FERREIRA e SALDANHA, 2014, p. 117)

No entanto após extensa pesquisa, procurando o texto completo do primeiro regulamento técnico de capoeira, só encontrei partes e um pequeno histórico da sua criação em um site⁴⁵ que traz informações sobre Mestre Mendonça, o suposto redator deste regulamento, de onde extraí algumas informações, pois percebo que elas fazem sentido e acredito que elas são importantes para entendermos as dinâmicas e os comportamentos dos capoeiristas nesta época. A começar pelos objetivos da criação do regulamento técnico.

Como um bom patriota e de forma a valorizar a capoeira como genuína Arte Marcial Brasileira, Mestre Mendonça fundamentou seu anteprojeto em demonstrar nossa nacionalidade e valorizar a capoeira atual como uma arte correta, cujos praticantes são pessoas do bem, ao contrário do Decreto nº 847 que tratava os capoeiristas como vadios e criminosos (<http://www.rodadecapoeira.com.br/artigo/O-Legado-de-Mestre-Mendonca-para-a-Capoeira/0> acessado em 25/06/2019).

Há também informações sobre a criação e formato das graduações e que vem ao encontro das práticas estabelecidas na época.

De forma a ter uma organização e para que os capoeiristas se entendessem e se respeitassem de forma sadia e hierárquica nas Rodas de Capoeira, Mestre Mendonça criou um sistema de graduação chamado Cordel.

As cores dessa graduação foram baseadas nas cores da Bandeira Nacional Brasileira, estabelecida de forma lógica, conforme a maior concentração ou quantidade dessa cor em nossa bandeira, sendo a primeira cor verde, depois o amarelo e o azul. A cor branca só entra no nível de mestre (<http://www.rodadecapoeira.com.br/artigo/O-Legado-de-Mestre-Mendonca-para-a-Capoeira/0> acessado em 25/06/2019)

Quando perguntado sobre como foi início do uso das graduações em Porto Alegre e qual a base utilizada nos anos 70, Mestre Mano respondeu:

⁴⁵ <http://www.rodadecapoeira.com.br/artigo/O-Legado-de-Mestre-Mendonca-para-a-Capoeira/0> acessado em 25/06/2019

Sim, depois que eu vim saber que a primeira federação de capoeira do Brasil, era a de São Paulo, e ela já dotou esta graduação em 1972, se não me engano, em 1974, 72 e adotou esta graduação e todos adotaram, inclusive na Bahia, porque o próprio Índio já veio de lá com esta graduação, o próprio Índio que era capoeira de rua, mas ele dizia que era capoeira regional.
(Mestre Mano, 08/03/2019)

E ao falar sobre como era a organização das aulas de capoeira no IPA, podemos perceber claramente a influência do movimento desportivo vigente.

Tinha, abadá, abadá e camiseta branca, sempre teve, desde o começo com Mestre Índio, já tinha uniforme, só claro, nossos cordéis eram aqueles de cordéis feitos de lã, mas assim, tanto é pra tu vê Guto, nós usávamos as cores da bandeira do Brasil, verde, verde e amarelo, amarelo, amarelo e azul, azul, depois, verde e branco, amarelo e branco, azul e branco e branco puro.
(Mestre Mano, 08/03/2019)

Mais uma vez iremos recorrer as informações relativas a elaboração do primeiro regulamento técnico de capoeira e que tratam sobre este tema e vai ao encontro das práticas relacionadas a capoeira aqui em Porto Alegre .

Mestre Mendonça em suas pesquisas, também elaborou um padrão de uniforme para a prática da capoeira, o simbolismo do uso do uniforme também atende ao preceito da mudança de paradigma entre o conceito do capoeira ser vadio, para o conceito do praticante de capoeira ser um cidadão de bem, tendo a lisura e o respeito em um uniforme limpo. Assim, a Calça deveria ser branca, em helanca ou tecido similar, cuja bainha alcance o tornozelo, atada a cintura pelo cordel indicativo da classe a que pertence o atleta. Seria proibido o uso de outra cor, bem como o uso de cintos, bolsos, fivelas e etc, que pudessem ser utilizados para esconder objetos que se tornassem armas nas mãos dos praticantes; O capoeirista vestirá camisa branca de malha, tendo estampado no peito o escudo de sua entidade; O cordel deve ser colocado na calça do capoeirista, transpondo as passadeiras, de maneira que seja dado um nó, no lado direito da cintura e que fiquem pendentes as duas pontas do cordel, na altura do joelho. (<http://www.rodadecapoeira.com.br/artigo/O-Legado-de-Mestre-Mendonca-para-a-Capoeira/0> acessado em 25/06/2019).

Os capoeiristas que não se enquadravam neste padrão, seja por não querer ou por não conseguir ter acesso a bens como uniformes, possibilidade de frequentar academias e participar dos eventos, eram muitas vezes discriminados e até perseguidos por aqueles que eram federados, ou seja, que praticavam a capoeira conforme as orientações da Federação Paulista de Capoeira⁴⁶.

⁴⁶ Fundada em 14/07/1974 é a primeira federação de capoeira do Brasil e que criou todo um sistema de normas a serem observados pelos mestres, grupos e alunos de capoeira.

Estes caras que eram de periferia que gostavam de jogar na roda, se identificavam com a gente na Redenção e a nossa roda era aberta, diferente da roda do Paulinho que os caras tinham que chegar tudo de abadá, bonitinho e branquinho e só podia ser da academia para jogar, a roda do Índio só jogavam eles e mesmo assim, era de vez em quando.
(Mestre Fernando, 13/03/2019)

O Mestre Churrasco era assim, como eu te falei, existe um, como eu falei agora aqui, me fugiu a palavra, ah tá, no circuito da capoeira, o mestre Churrasco ele não transitava, como ele é anterior ele teve outras vivências, onde ele não aparecia, porque era uma comunidade mais carente, dava aulas, sei eu, na vila.
(...)

A capoeira que o Churrasquinho trabalhava, era uma capoeira de comunidade, de periferia, com as pessoas mais carentes, mais próximas, mas ela não rodava no ambiente da capoeira que era do Muzenza e do Oxósse.
(Mestre Mano, 08/03/2019)

As rodas de rua tiveram um papel importante para o aumento de praticantes, uma vez que muitos começaram a praticar capoeira, após assistir uma roda de rua ou uma apresentação de capoeira.

Eu iniciei a capoeira quando eu tinha 16 anos, eu conheci a capoeira vendo as rodas do Mestre Índio (...) Eu via no Brique⁴⁷, no ginásio da Brigada⁴⁸ eu via os batizados. Era 70 e poucos.
(Marcelo Freitas, 22/02/2019)

Eu conheci o Mestre Índio do Mercado Modelo, foi num evento de dia 02 de Fevereiro, nós fomos fazer uma homenagem para lemanjá na beira da praia, em Cidreira.(...) e lá naquela ocasião houve uma exibição de Mestre Índio e seus alunos, pois ele já tinha bons alunos que já treinavam há algum tempo, entre eles, Serginho, Karcará, Kunta Kintê, são alguns deles que ainda consigo me lembrar. (...) impressionante a destreza do Mestre, e isso, me fez ficar muito curioso e aí fui atrás para conhecer a tal da capoeira e nesta época o mestre tinha chegado há pouco na cidade, não fazia muito tempo que ele estava em Porto Alegre.
(João Horácio, 07/03/2019)

Outras pessoas começaram a treinar a partir de convites feitos por amigos ou pelos próprios mestres, havendo também os que já eram frequentadores da academia e resolviam experimentar a nova modalidade de luta que chegava à cidade.

Annilson Monsueto de Souza, aí chegou pra mim e perguntou, o que tu faz aqui cara? Eu faço Karatê. E ele disse: Que karatê, cara, tu não tem jeito de Karatê, não tem nada a ver contigo, vem treinar capoeira comigo.
(Mestre Odon, 21/03/2019)

⁴⁷ O Brique da Redenção foi fundado em 1978 e consiste de uma grande feira de artesanatos que acontece aos domingos no parque da redenção.

⁴⁸ Ginásio poliesportivo fundado em 1963, administrado pela Brigada Militar onde aconteciam diversas competições esportivas.

*Quem me levou para a capoeira, Mestre Souza, o Monsueto, um cara que tocava, cantava e sabia ensinar muito bem, ele me tirou do Kung Fu e me levou pra capoeira em 1978.
(Mestre Jacó, 21/03/2019)*

As primeiras turmas de alunos de capoeira na cidade de Porto Alegre eram compostas por jovens na faixa dos 16 anos de idade, que posteriormente muitos se tornaram universitários do curso de educação física no IPA, majoritariamente brancos, praticantes de esportes radicais, moradores em bairros de classe média e alta e frequentadores de clubes sociais.

*O Índio chegou aqui dando aula para classe média, tanto é que nós Filhos da Vivência nasceu dentro da universidade, era 20 pessoas, mas aí tinha mulher, mas era classe média ou classe estudante, né, que podia, inclusive pagar e o próprio mestre Paulinho também era classe média.
(Mestre Mano, 08/03/2019)*

*Tinha uns caras ali perto de casa que eram surfistas e tinha a marca da prancha deles era Onda Rainha e estes caras estudavam comigo no colégio, e eu vi que estes colegas meu, que estes surfistas aí cara, eu conheci com estes caras a capoeira, eu não sei aonde é que eles aprenderam, só sei que o seguinte, os surfistas ali do Chácara das Pedras⁴⁹, de uma hora para outra, no colégio, eles mesmos começaram a fazer roda de capoeira, pintavam camisetas, por incrível que pareça.
(...)*

*Todos brancos, cabeludos, loiros. Eu conheci pelos caras da Prancha marca Onda Rainha. Isto são coisas muito antigas, e a memória vai esquecendo.
(Marcelo Freitas, 22/02/2019)*

Mestre Carson também se inclui na lista dos amantes de esportes radicais, ratifica o perfil classe média dos participantes e acrescenta algumas informações sobre a relação drogas e capoeira.

*E a gurizada do IPA era sempre filhos de classe média alta, logicamente vários usavam droga, aí o meu discurso era. Galera, eu pegava onda, eu era um jovem e gostava das coisas da juventude, rock'in roll, surfe e capoeira. Aí eu falava, eu não tenho nada a ver com a vida de vocês, mas o negócio é o seguinte, nós estamos fazendo um trabalho aqui, ninguém paga nada para treinar aqui, o compromisso de vocês é com a capoeira e com o meu nome que está na camisa, se eu souber que algum de vocês foi pego com a camiseta ou sem ela, usando droga ou tendo qualquer atitude ilícita, por favor nem vem falar comigo.
(...)*

*Então o perfil, era a gurizada classe média e classe alta que se atraía muito, o IPA congregava este pessoal e o Petrópolis também, e é claro que tinha o pessoal do Churrasco nas periferias, agente não tinha muita noção.
(Mestre Carson, 04/04/2019)*

Sobre a classe social, poder aquisitivo e identidade étnica dos alunos, Mestre índio confirma os relatos anteriores e nos relata:

⁴⁹ Bairro de classe média alta de Porto Alegre.

*Eu só tinha aluno rico aqui, eu ficava triste sabe porque, porque eu ia todo dia dar aula e não tinha um negro na aula, o primeiro negro que entrou veio de Ipanema, o delegado Cleiton e aí ele treinou comigo uns 04 ou 05 anos.
(Mestre Índio, 05/04/2019)*

Os praticantes fora deste perfil eram os alunos de Mestre Churrasco, que eram quase todos pobres, pretos, moravam na periferia da cidade.

*Então, tinha a capoeira do Mestre Churrasco que era aquela capoeira de rua, que se jogava ali na Redenção.
(Mestre Odon, 21/03/2019)*

*A periferia do Rio grande do Sul, através do Mestre Churrasco e depois quando nós nos formamos professores de educação física que nós fomos para os centros comunitários, CECORES, CEPRIMA... que foi aprender capoeira aqui no Rio Grande do Sul.
(Mestre Mano, 08/03/2019)*

A grande receptividade da capoeira pela população porto alegreense pode ser atribuída por alguns fatores, dentre eles o seu reconhecimento como esporte pelo MEC.

*Em 1972 o MEC – Ministério da Educação, Cultura e Esporte ele decretou a capoeira como o único esporte genuinamente brasileiro, pode pegar ali no Google, 1972, na época dos milicos. Ele considerou a capoeira como o único esporte genuinamente brasileiro e isso deu uma visibilidade.
(Mestre Mano, 08/03/2019)*

Há também entendimentos que apontam a participação da mídia como um instrumento importante na divulgação da capoeira, fazendo desta uma prática que estava 'em moda'.

*É que na verdade, isso tudo acho que veio numa novela, que acho que tinha capoeira e naquela época a capoeira foi moda, foi moda e estava sendo bem divulgado, não sei qual era o motivo, mas sei que o pessoal de uma hora para outra descobriu a capoeira e foi um modismo na época, foi assim que os mestres começaram a descer.
(Marcelo Freitas, 22/02/2019)*

*Bem nessa época teve aquele filme que o Mestre Camisa fez com o Nestor Capoeira, o Cordão de Ouro, então assim, a gente tem que entender o contexto geral, havia uma modinha na juventude e esta modinha era a capoeira.
(Mestre Mano, 08/03/2019)*

*Eu não sei por que eles queriam fazer, mas a minha academia era cheia, mas tudo de mauricinho, era novidade, porque o gaúcho também aproveita a moda também.
(Mestre Índio, 05/05/2019)*

Contudo, mesmo sendo bem aceita por algumas pessoas brancas e da classe média e alta, a capoeira ainda enfrentava preconceitos raciais e sociais.

Pô cara, quando eu entrei na capoeira assim, na época assim, até o meu pai chegou, porra, não era muito bem vista, assim, até dentro da família da gente, eles perguntavam: Porque tu que fazer isso daí, virar cambota, isso é coisa de marginal.
(Marcelo Freitas, 22/02/2019)

Tinha pai que chegava e dizia: Meu filho vai treinar capoeira, um esporte de negro? Mas o filho queria, batia o pé e ia fazer.
(Mestre Índio, 05/04/2019)

Quanto a presença de mulheres, alguns entrevistados afirmam que as mulheres não faziam parte das aulas, ou eram, muito poucas, enquanto outros já diziam que havia várias mulheres e que elas tinham uma presença bem forte. Talvez esta contradição possa ser entendida a partir de uma análise dos espaços onde eram realizadas as aulas.

Vejamos o que João Horácio, que descreveu a academia de Mestre Índio como uma invasão num prédio inacabado e com pouca estrutura, declara sobre a presença de mulheres.

(...) na época o mestre vivia sozinho e na academia só tinha homens, não tínhamos a presença de mulheres ainda treinando capoeira, né, era um ambiente tipicamente masculino, era um ambiente bem suadoro (...).
(João Horácio, 07/03/2019)

Mestre Carson que treinou com Mestre Paulinho na Academia Muzenza, uma academia específica de capoeira e próxima Academia de Mestre Índio, ao ser questionado sobre a presença de mulheres, responde:

Poucas, tinha a Elaine que era namorada do Paulinho, a Carla Lubisco, hoje uma grande personal trainer⁵⁰ e teve outras meninas.
(Mestre Carson, 04/04/2019)

Já Mestre Índio afirma que havia grande presença de mulheres e inclusive nos dá algumas pistas sobre esta participação.

Tinha, bastante, tinha Neusinha, Maia, tinha uma que virou cantora depois. Eu dava aula na Mudança, numa academia de dança, acabava a aula e elas iam pra capoeira.
(Mestre Índio, 05/04/2019)

⁵⁰ Profissional com formação em educação física que dá aulas particulares.

De acordo com Mestre Odon na Academia Kidokan, havia diversas mulheres participando das aulas de capoeira e com uma boa qualidade técnica.

Sim, tinha e tinha umas mulheres de boas de capoeira. Foram minhas contemporâneas, a Flavinha, e a Laura Finochiaro que é uma roqueira que mora em São Paulo.
(Mestre Odon, 21/03/2019)

Uma análise mais densa pode ser realizada em um futuro trabalho, para verificar a relação da localização da academia e do ambiente interno com a maior ou menor presença da mulher na capoeira, mas por enquanto, parece que as academias com mais ofertas de atividades como no caso da Kidokan ou as academias que oferecem práticas historicamente associadas ao feminino, como no caso da Academia Mudança, tem esta presença mais forte. Já as academias específicas de capoeira como a Academia Muzenza ou as academias com poucas estrutura física como a de Mestre Índio a presença já é mais diminuída ou não existe.

É Interessante também observar a relação da capoeira com outros tipos de lutas, pois dos mestres entrevistados, vários eram praticantes de artes marciais, antes de se tornarem capoeiristas, aliado a isto, temos as aulas de capoeira ensinada primeiramente em academias que já tinham uma tradição no campo das lutas.

O Odon começou com o Souza, Mestre Sousa dava aula de Karatê e dava aula de capoeira, uma figura ele, e eu treinava Kug fu lá e um dia não sei por que o mestre se encarnou em mim e disse que eu tinha que treinar capoeira, largar o Kung Fu que aquilo não era pra mim.
(Mestre Jacó, 21/03/2019)

Na época a outra luta que concorria com a capoeira, era o Kung fu, que era muito forte também em Porto Alegre, inclusive Mestre Farol⁵¹ veio do Kung Fu e isto não tira o mérito dele na história de capoeira dele, mas ele é originário do Kung Fu.
(Mestre Carson, 04/04/2019)

Eu fazia Karatê na Kidokan e um sábado de manhã cheguei ali e estava o Mestre Souza, de calça de abrigo, de bota, camiseta e tocando berimbau.
(Mestre Odon, 21/03/2019)

Eu me dava mais com os outros lutadores de outras artes, como Te Bo Lee, Edson, Valmir, porque os capoeiristas, como o coitado do Monsueto, uma vez pegou o Carcará e deu uma ponteira, eu dei uma meia nele que quebrou o braço em dois lugar.
(Mestre Índio, 05/04/2019)

⁵¹ Paulo Antonio da Costa, Mestre Farol, um dos primeiros alunos de Mestre Índio em Porto Alegre.

No entanto, apesar de haver esta troca, este compartilhamento de espaços, a relação nem sempre era tranquila. Nesta época era comum lutadores de outras modalidades irem desafiar os mestres, que estavam começando um trabalho novo, em suas academias, ou ainda, nas rodas de rua, que eram abertas ao público e onde muitos praticantes de artes marciais, entravam na roda duvidando da capacidade de combate da capoeira.

Quando eu cheguei aqui, no primeiro ano, para ficar tinha que “ter muito dendê”⁵², porque houve vários desafios, até cara com Kimono⁵³ enrolado, ia para a porta, para depois da minha aula, lutar comigo. Eu tive vários desafios e nenhum deles eu perdi. Por isto eu estou aqui até hoje.
(Mestre Índio, 05/04/2019)

A gente fazia roda na Redenção e aparecia um boxer⁵⁴ cara, não acredito na tua capoeira, aí a gente tinha que entrar para dentro, Bartelemi⁵⁵ cansou de pegar cara na Redenção ali, porque a gente fazia roda e os caratecas não acreditavam: O neguinho não acredito: O Bartelemi dizia vamos. Ele fazia cada maldade com estes karatecas até que chegou uma hora que ninguém mais queria entrar.
(Mestre Fernando, 13/03/2019)

Os karatecas estavam tudo ali, apavorados, com medo, sabe da hora de uma interação, uma troquinha⁵⁶, os capoeiristas tudo cheio da malandragem, das rasteiras e os karatecas naquela coisa, e nós levava vantagem mesmo, o cara vinha dar um martelão⁵⁷ e nós dava uma rasteira⁵⁸ para tudo quanto é lado. E a capoeira chegou neste momento ser o esporte mais temido no meio das artes marciais. Aqui no RS nós tínhamos o mestre Watanabe⁵⁹, o Kim⁶⁰, tivemos vários mestres que eram do Karatê e Taekowndo e eles tinham medo da capoeira, a capoeira chegou arrasando. Era a arte marcial mais forte.
(Mestre Mano, 08/03/2019)

Sobre os confrontos entre capoeiristas e lutadores de outras artes marciais, parece que a capoeira tem levado vantagem há bastante tempo. Jair Moura, no livro *A capoeiragem no Rio de Janeiro através dos séculos*, publicado em 2009, traz a história de Ciríaco, que em 1909, desmaiou com um golpe giratório, Sada Myiako⁶¹, um grande campeão e professor de jiu-jítsu que havia chegado diretamente do Japão, para dar aulas na Marinha de Guerra do Brasil (MOURA, 2009, p.127).

⁵² Gíria baiana usada na capoeira que significa coragem, força, valentia. É uma alusão ao azeite de dendê, que é um azeite mais forte.

⁵³ Vestimenta utilizada pelos praticantes de artes marciais.

⁵⁴ Expressão utilizada para identificar um lutador de boxe.

⁵⁵ Mestre Bartelemi dos Santos, irmão e um dos primeiros alunos de Mestre Churrasco.

⁵⁶ Gíria usada no meio das lutas que significa lutar só para se testar.

⁵⁷ Chute alto visando atingir o rosto do adversário.

⁵⁸ Movimento de bater no pé de apoio do adversário visando derrubá-lo.

⁵⁹ Sensei Luiz Tasuke Watanabe, um dos precursores do Karatê Shotokan no RS.

⁶⁰ Yung Man Kim, introduziu o Taekwondo no estado do Rio Grande do Sul no ano de 1974.

⁶¹ Sada Myiako foi o pioneiro do Jiu-jítsu no Brasil.

A vitória de Ciríaco saiu em diversos jornais da época e repercutiu positivamente para a prática da capoeira no Rio de Janeiro no início do século. Da mesma forma, as vitórias dos capoeiristas aqui em Porto Alegre, apesar de não ter havido publicações em jornais, também foram importantes para afirmação capoeira, pois na década de 70 havia também um movimento de expansão global das artes marciais do oriente, sendo fundamental mostrar a eficiência de combate da capoeira para manter espaços e conquistar e alunos.

Esta forma de pensar e agir também é anunciada no artigo, “Artes marciais mistas: luta por afirmação e mercado da luta” quando Neto, Garcia e Votre identificam que o processo de implementação das artes marciais mistas no Brasil, passou por disputas não oficiais, ou seja, desafios que podiam acontecer em qualquer lugar e a qualquer momento. Mesmo que o artigo não se refira a capoeira, a lógica pode servir de comparação.

Os confrontos referidos acima não se caracterizavam como uma briga de rua e uma violência gratuita, pois havia de algum modo regulações que os ordenavam. Não eram brigas generalizadas e não há relatos de espancamentos ou coisa parecida. A lógica que prevalecia era quase a mesma dos confrontos de vale tudo com juízes e organizados em arenas. O que estava em jogo também era a afirmação de uma arte marcial (NETO, GARCIA, VOTRE, 2016, p. 412).

Outros momentos marcantes da capoeira nessa época eram quando acontecia o reconhecimento da evolução dos estágios de aprendizagem dos alunos nos encontros denominados como batizados. Momento ritualístico, em que o mestre apresentava os novos iniciados para outros mestres e capoeiristas mais experientes.

Aí disseram: o Mestre Vadinho vai estar chegando aí na semana que vem para trocar a cor do gorro, do chapeuzinho.. aí tá vou esperar, aí quando cheguei lá na Rui Barbosa, na academia do Nei Albuquerque, o Vadinho chegou e eu falei: Vim aí, eu soube que vai ter um eventinho aí, e eu vim aí para jogar um pouco.

(...)

O maior batizado foi o que aconteceu na época, foi no Ginásio da Brigada Militar, eu batizei mais ou menos umas 150 alunos ali, veio o Cacau⁶², Coringa⁶³, veio o Sergipe, o maior batizado da história.

(...)

Mas batizado eu cheguei a fazer uns dois ou três no IPA, não me lembro bem, e grande, mas o maior foi o da Brigada, mas no Petrópolis eu também fiz muito batizado.
(Mestre Índio, 05/04/2019)

⁶² Cacau capoeirista de Salvador/BA, irmão de Mestre Índio e que fazia dupla nos shows.

⁶³ Coringa, capoeirista de Salvador/BA, amigo de Mestre Índio.

*Houve um grande batizado em 1978, o primeiro batizado que ele organizou na cidade, que foi enorme, um batizado mega para aquela ocasião e foi no Petrópolis Tênis Clube, lá naquela ocasião eu peguei o meu primeiro cordão de capoeira, o cordão verde de capoeira, no batizado lá no Petrópolis Tênis Clube.
(João Horácio, 07/03/2019)*

O novato passava pela experiência de jogar na roda com os praticantes mais velhos e estes jogavam entre si e com capoeiristas de outros grupos para demonstrar suas técnicas e se estavam aptos a mudar o nível de sua graduação e receber um novo cordel, uma espécie de corda trançada, colorida conforme as cores da bandeira brasileira e que era amarrado na cintura dos capoeiristas.

*Com terceira corda nós não respeitava ninguém, terceira corda.
(Mestre Fernando, 13/03/2019)*

*Eu uso as cores da bandeira até hoje, porque para mim, ela não tem significado nenhum a não ser o nível de desenvolvimento do aluno, não tem significado assim, sentimental ou histórico, não, se me dissesse usa esta aqui, eu usaria igual, não vejo que isso, possa ser um fundamento, não é fundamento, é só uma mostra do nível de desenvolvimento daquele aluno.
(Mestre Mano, 08/03/2019)*

Similar as faixas utilizadas pelos praticantes de lutas orientais, os cordéis serviam para identificar e classificar os praticantes de acordo com a sua capacidade técnica e experiência na prática. Nos anos 70 os níveis de graduação começava com o cordel verde para iniciantes, azul para formados ou professores e branco para mestres.

*Quando eu passei para o Mestre Canhão⁶⁴, usava a mesma graduação, então continuou, na verdade parecia que naquela época a graduação era unificada, todos conheciam esta graduação da federação e aí quando começou, eu me lembro que até o grupo cativo do mestre Miguel⁶⁵, usava outras cores e eu criticava muito, eu e outros, pô, mas isso aí vai confundir a cabeça dos alunos.
(Mestre Mano, 08/03/2019)*

*Fui formado Mestre em 2001 pelo Mestre Burguês⁶⁶, são 05 níveis de mestria e eu estou no 3º nível e conforme o Mestre eu vou trocar de corda em Janeiro de 2020.
(Mestre Carson, 04/04/2019)*

*Aí botei a corda que tá aí até hoje, mas hoje é do mundo inteiro, até cara da Muzenza que usava cordel, já tem gente usando a corda. Mas eu não vou querer este mérito porque já tinha visto gente usando, mas aqui para o RS quem trouxe foi eu.
(Mestre Índio, 05/04/2019)*

⁶⁴ Mestre baiano, que mora em São Paulo e que Mestre Mano adotou como seu Mestre, após sair do grupo de Mestre Índio.

⁶⁵ Miguel Machado, mestre baiano que chega a Porto Alegre no início dos anos 80.

⁶⁶ Antônio Menezes, radicado em Curitiba/PR é o mestre fundador do grupo Muzenza.

A noção de grupo, ou também chamado na capoeira de 'escola de capoeira', é trazida a Porto Alegre por Mestre Índio, que procura através da iniciação de novos praticantes formar bases para o seu grupo, o Filhos de Oxósse.

*Eu fui o primeiro bom capoeirista a botar o pé aqui, que não tinha outro.
(Mestre Índio, 08/03/2019)*

*Quando eu digo fazer escola é que as outras pessoas, os alunos daquele mestre, reproduzem as coisas deles, os teus alunos reproduzirem os teus ensinamentos, mesmo que seja com algumas pequenas modificações, ele reproduz e faz questão de destacar, todos os alunos do Índio faziam questão de reproduzir e de destacar os ensinamentos dele.
(Mestre Mano, 08/03/2019)*

Já Mestre Monsueto e Mestre Cerqueira, não se preocupam tanto com a questão de grupo e desenvolvem seus trabalhos de forma mais vinculada ao nome do local onde ensinam.

*Mestre Souza dava aula na Kidokan, tá, ele dava aula de Karatê, né, com quimono e tudo, mas também fazia capoeira, ele dava aula de capoeira lá, assim o que eu lembro desta época, é que ele não tinha grupo assim como era a forma de Mestre Índio, as pessoas iam lá faziam uma aula com ele, era como se fosse um avulso, faziam uma aula e outra, mas eu não lembro dele ter alunos que seguiam ele, né, a mesma coisa com o Mestre Cerqueira, que ele começou um trabalho, mais timidamente, mas os grande grupos na época eram dois, era o Muzenza e o Oxósse.
(Mestre Mano, 08/03/2019)*

*Ele não tinha grupo, era Grupo do Mestre Cerqueira que o pessoal chamava e quando nós treinávamos na Kidokan, tinha que ter nas camisetas o nome da Academia.
(Mestre Jacó, 21/03/2019)*

Quando Mestre Paulinho chega, ele vem representando o grupo Muzenza, que havia sido criado em 1972 e estava em crescente processo de expansão nacional. A sua chegada causa conflitos entre ele e Mestre Índio e estes conflitos passam a ser reproduzidos também pelos integrantes dos Filhos de Oxósse e Muzenza.

*E depois veio Mestre Paulinho para Porto Alegre. A ideia de grupo começou a ficar forte, e aí a capoeira virou uma guerra. Era Oxósse e Muzenza, era guerra, a gente se encontrou algumas vezes em academia e a gente se quebramos no pau, teve combates históricos, hoje a gente dá risada.
(Mestre Carson, 04/04/2019)*

*E o Índio e o Paulinho, tomam conta do campinho e se degladiavam os dois, volta e meia estavam se degladiando os dois, visitando a academia do um do outro, indo para redenção.
(Mestre Fernando, 13/03/2019)*

Mestre Índio fez um trabalho maravilhoso com o grupo Oxósse e do outro lado era o Paulinho, tanto é que havia uma rivalidade tão grande, que quando havia um encontro dos dois, saía porrada mesmo, saía pau mesmo, os dois se grudavam no soco, tal e coisa, era aquela rivalidade, nestes casos, quando estava o Mestre Cerqueira ou o Mestre Monsueto eles não se metiam, não se metiam na briga dos dois, todo mundo sabia ali, mas ficava todo mundo quieto e esta rivalidade logo transferiu para os alunos, era o Muzenza, eu e o Nino éramos muito rivais e vivíamos se pegando no pau, é e tinha outros aí, tanto do lado de cá, quanto do lado de lá.

(...)

Os alunos do Índio faziam questão de reproduzir e de destacar os ensinamentos dele, e os do Mestre Paulinho também, na verdade os do mestre Paulinho, reproduzindo a muzenza na verdade.
(Mestre Mano, 08/03/2019)

Havia também o grupo Zumbi dos Palmares, criado por Mestre Churrasco, que não entrava nestes conflitos, pois atuava em uma área mais afastada e com um público da periferia.

Mestre Churrasco dentro desta, então se criou uma espécie de uma rota de capoeira que era Oxósse e Muzenza e nesta rota da capoeira, o mestre Churrasco não se incluía, ele era um capoeira de rua.
(Mestre Mano, 08/03/2019)

O Churrasco nesta época fazia um trabalho de muito pouca expressão, se ele tinha alunos, eram pouquíssimos, mais irmãos dele, não dava para dizer que era um movimento de capoeira naquela época, né. A cena era basicamente, Muzenza e Filhos de Oxósse.
(João Horácio, 07/03/2019)

As rodas de capoeira aconteciam em vários momentos e com objetivos diferentes, poderia ser rodas treinos, que geralmente aconteciam após a aula e tinha por objetivo servir de instrumento de avaliação técnica dos alunos, outra possibilidade eram as rodas de intercâmbio, onde um grupo ou academia recebia ou visitava outro grupo, para trocar experiências.

Meu Mestre já era mais fechado, ele não gostava que a gente fosse na academia dos outros, então ele dizia, vai e não reclama, vai faz teu nome lá, se tiver jogo duro, tu treina, vai lá e joga e não reclama daqui.
(Mestre Jacó, 21/03/2019)

Havia também as rodas realizadas durante os batizados, que, conforme dito anteriormente, é um momento em que os alunos novatos jogam capoeira com os capoeiristas mais experientes, havendo sempre presentes mestres e capoeiristas de outros Estados, que não raro acontecia brigas e confusões.

Inclusive tem uma foto histórica que circula aí com Mestre Sergipe, Mestre Paulinho, Mestre Índio. Antiga lá de um encontro que deu, no Caixeiro Viajantes, daí deu uma pauleira, veio Mestre

*Cacau, veio Mestre Índio, aí tava mestre Paulinho, Mestre Burguês, tava mestre Bandeira⁶⁷ lá de Santos.
(Mestre Carson, 04/04/2019)*

Estes tipos de rodas eram realizadas em ambiente fechados, geralmente em clubes ou ginásios esportivos, pois reunia um número maior de participantes, que incluía familiares e amigos que iam prestigiar o momento, mas algumas vezes acontecia na própria academia.

*Foi lá na Kidokan. Todos os batizados que o Mestre Cerqueira fazia ele trazia o pessoal lá de Curitiba e sempre vinha o mestre dele, o Mestre Sergipe e vinha o Mestre Pítton⁶⁸, vinha o Mestre Pop⁶⁹, uma pessoa fina, educada, uma capoeira fina e muito técnica, o Mestre Cerqueira sempre lotava os batizados dele.
(Mestre Jacó, 21/03/2019)*

As rodas na academia, também eram chamadas de 'rodas fechadas', porque somente podia participar delas os alunos que treinavam na academia e os capoeiristas que eram convidados pelo mestre responsável pelas aulas no local.

*Ele era um pessoa sempre muito correta, as vezes até, ríspido demais, mas era uma coisa que o pessoal pode falar o que quiser, que ele era prepotente, arrogante, um cara fechado, um cara metido, não sei, cada um com o seu conceito, né, mas chegar e dizer que ele era um cara baderneiro, não mesmo.
(Mestre Jacó, 21/03/2019)*

*Então nesta época o Cerqueira fica só dentro da academia e não sai mais de dentro da academia e não permitia que ninguém entrasse para visitar, não fazia roda na rua.
(Mestre Fernando, 13/03/2019)*

Estas rodas serviam como preparação para os alunos novos ganharem experiência da prática e posteriormente poderem jogar nas rodas de rua. Alguns mestres optavam por fazer somente rodas fechadas, para preservar a imagem do seu trabalho e a integridade física de seus alunos.

*As rodas aconteciam nas academias, porque quando era na rua, fechava o pau.
(Mestre Carson, 04/04/2019)*

*As vezes ele recebia gente na Kidokan, as vezes fazia roda mais fechado, para evitar bagunça, mas sempre nesta história assim, de ter respeito, de não bagunçar o local de trabalho, esta era a política dele.
(Mestre Jacó, 21/03/2019)*

⁶⁷ Luiz Santos Barbosa, Mestre de Capoeira da Baixada Santista.

⁶⁸ Mestre Pítton, Aloisio de Souza Pítton, baiano do recôncavo, radicado em Curitiba, parceiro de Mestre Sergipe.

⁶⁹ Mestre Pop é um dos precursores da capoeira no estado de Santa Catarina.

Estas rodas eram realizadas normalmente nos dias e horários de aula, pois aproveitava a rotina dos alunos e o tempo disponibilizado pelo dono da academia.

O mestre Cerqueira eu vou te dizer assim, eu conheci ele, já vi ele jogar, mas não cheguei a conhecer o trabalho dele, porque ele ficava muito fechado dentro da academia, ele não era de fazer roda.
(Marcelo Freitas, 22/02/2019)

Havia também as rodas de rua, que tinha esta identificação, por serem realizadas em espaços públicos, na maioria das vezes tinha um caráter aberto, mas isso não significava que havia um sentimento de acolhimento por parte dos capoeiristas que estavam realizando-a em relação aos capoeiristas de outros grupos ou academias. É nestas rodas que os mestres e alunos, demonstravam para o públicos, os saberes e os fazeres produzidos nas academias, objetivando divulgar o nome do mestre ou do grupo.

Aí tu vai demonstrar teu trabalho e os caras chegam lá pra bagunçar, aí tu tem que dizer, aqui é meu trabalho, uma apresentação com meus alunos, não é roda aberta, e isso, mestre Cerqueira fazia e muita gente não gostava.
(Mestre Jacó, 21/03/2019)

A nossa roda era aberta, diferente da roda do Paulinho que os caras tinham que chegar tudo de abadã, bonitinho e branquinho e só podia ser da academia para jogar, a roda do Índio só jogava eles e mesmo assim, era de vez em quando, roda de rua, nesta época, quem fazia roda de rua éramos nós, que na época o nome do grupo do Churrasquinho era Zumbi dos Palmares.
(Mestre Fernando, 13/03/2019)

Algumas vezes as rodas de rua promoviam o encontro de grupos ou capoeiristas aliados, mas na maioria das vezes o que acontecia era o confronto, onde os aspectos de combate eram evidenciados, com objetivo de sobrepujar a técnica adversária e com isso agregar valor a sua prática e ao seu grupo.

Nas rodas quando se encontravam, mesmo dentro das academias, acabavam sempre em pancadaria, em quebra pau, durante este período, década de 70, 80, era muito difícil haver um encontro para fazer, celebrar uma roda de capoeira e tal, era mais para ir lá atrás de alguém, para um grupo se sobrepor ao outro, este tipo de coisa.
(João Horácio, 07/03/2019)

O Paulinho não era muito chegado a roda de rua não, os alunos dele, as vezes ia na minha, como Grego⁷⁰, como outros, como Peixinho⁷¹, aí eu dava um arregozinho⁷² e deixava eles jogarem, mas dava um apertinho neles, o Paulinho era difícil fazer rodas na rua.
(Mestre Índio, 05/04/2019)

⁷⁰ Dimitri Polis, apelido Grego, iniciou na capoeira em 1978 com Mestre Paulinho.

⁷¹ Peixinho Moreno um dos primeiros alunos de Mestre Paulinho.

⁷² Gíria que significa considerar as fraquezas do oponente sem usa-la a seu favor.

Muitos mestres evitavam fazer rodas na rua ou de participar das mesmas, porque entendiam que as brigas e os conflitos eram prejudiciais a imagem da capoeira. Nesse sentido, Mestre Fernando comenta que:

Eu lembro que as vezes tinha roda e as pessoas diziam não vamos nem parar aí porque dá confusão todo domingo, então era ideia que tinha sobre a capoeira, e dava mesmo.
(Mestre Fernando, 13/03/2019)

Parece que também questões, como classe social eram motivos dos conflitos, pois conforme Mestre Fernando, alguns capoeiristas procuravam reprimir as rodas realizadas pelas pessoas menos favorecidas economicamente.

Se tornam capitão do mato, discriminando a negrada da periferia, então para ser aluno bom para o Índio tinha que pagar, pro Cerqueira tinha que pagar, pro Paulinho tinha que pagar, entendeu? Então nós da periferia não servia, a gente atrapalhava, a lei do mercado, né.
(...)

Eles chegavam na roda para ir bater em nós, e aí o couro⁷³ pegava, só que nós não jogava nada, mas o seguinte, não deixava barato, eles vinham e nós entravamos para dentro, sem saber jogar capoeira.
(Mestre Fernando, 13/03/2019)

Nós éramos chamados os almofadinhas⁷⁴, os de academia. Tinha aquela divisão, os capoeiras de rua e os de academia.
(Mestre Jacó, 21/03/2019)

Então a cena era muito apartada, como disse, nas rodas quando se encontravam, mesmo dentro das academias, acabavam sempre em pancadaria, em quebra pau, durante este período, década de 70, 80.
(João Horácio, 07/03/2019)

Nos anos 70, as rodas de rua aconteciam especificamente em dois lugares, no Parcão, cujo nome oficial é Parque Moinhos de Ventos, que fica no bairro Rio Branco, área nobre da cidade.

Parcão foi muito lugar de roda.
(Mestre Carson, 04/04/2019)

O grupo Oxósse, começou as rodas aqui, na frente, no Parcão, e vinha gente, muita gente, porque só aqui tinha roda.
(Mestre Índio, 05/04/2019)

⁷³ Couro, gíria que significa bater, brigar, dar no couro.

⁷⁴ Gíria relativa a mauricinho, playboy, pessoa bem cuidada que não estava acostumada com as durezas das vida.

E no Parque da Redenção que possui um público mais heterogêneo e onde acontecem várias intervenções artísticas.

As rodas eram realizadas nos finais de semana, mais especificamente nos domingos de manhã, com exceção das rodas coordenadas por Mestre Churrasco que aconteciam no horário da tarde.

O Churrasco tinha aquele trabalho dele ali na Redenção, aquela coisa, eu conheci depois, que era um trabalho que era na Bom Jesus, fazia uma roda a tarde lá.
(Marcelo Freitas, 22/02/2019)

As rodas iam das 02 horas e ia até o final da tarde, pra tu vê o axé, aí os caras iam passando, queriam jogar, iam jogando, aí os caras falavam o mestre, e eu era terceira corda, dá pra jogar? jogo com quem? joga com quem quiser, aí quando chegava o Índio que era metido nós embocava pra dentro dele.
(Mestre Fernando, 13/03/2019)

Depois como eu tinha muito aluno no lado de lá, eu comecei a fazer no brique, (...), naquele tempo a roda era muito grande e todo mundo era curioso para ver a capoeira e formava uma roda tão grande que os caras que faziam o comércio ali ficavam se chateando porque atrapalhava a venda (...)

O Churrasquinho fazia depois, depois que ele começou a crescer, muito depois, começou a fazer também na Redenção, mas ele fazia no meio dos matos, entocado lá.
(Mestre Índio, 05/04/2019)

A escolha dos lugares para fazer as rodas era de acordo com a proximidade da academia ou em virtude de ser um local que reunia um grande grupo de pessoas e podendo assim, ter um maior alcance na divulgação dos trabalhos.

O parcão, porque o mestre Paulinho deu aula na academia do Parque e a gente fez muita roda no parcão. Que era o “ó” da época, atingindo toda aquela clientela também, Mestre Paulinho teve 400 alunos.
(Mestre Carson, 04/04/2019)

Os grupos, Filhos de Oxósse, Muzenza e Zumbi dos Palmares, é que tinham uma constância de rodas na rua e normalmente faziam as rodas em horários distintos, mas muitas vezes, capoeiristas de um grupo visitava a roda de outro e quando isso acontecia não eram raras as desavenças que, conforme já foi dito anteriormente, na maioria das vezes terminava em brigas pontuais até mesmo generalizadas.

Bom, tinha roda no brique da Redenção, na época também se fazia roda lá, as rodas eram bem perigosas, assim no sentido de, a gente ia pra roda sabendo que ia rolar alguma pauleira, né, e só que, naquela época, a gente não tinha noção do prejuízo que tava causando pra capoeira.
(Mestre Mano, 08/03/2019)

O legado deixado por todos estes mestres, conforme os entrevistados, é a própria capoeira, que se mantém viva, mesmo passado quase 50 anos, a partir das novas gerações de capoeiristas, que renovam, fortalecem e dão continuidade a esta prática de luta e dança em nossa cidade.

*O legado da Muzenza é ter sido um dos grupos pioneiros e ainda estar aí ainda e ter formado muitos bons capoeiras que estão aí.
(Mestre Carson, 04/04/2019)*

*Foi um legado importante, independente de qualquer coisa, a capoeira no RS ainda está viva. No RS teve muito capoeira, muita gente, cara, formou muita gente, muito aluno, não sei como ela está na situação tudo, assim, mas pelo menos ainda está viva no estado, tem aluno, tem roda de rua.
(Marcelo Freitas, 22/02/2019)*

3.3 Síntese das memórias compartilhadas

Em síntese, é possível constatar através do diálogo com estes capoeiristas que compartilharam as suas memórias para a realização deste trabalho, que o desenvolvimento da capoeira em Porto Alegre se deu a partir de uma rede de interações que se complementaram, construindo a base para os atuais grupos.

O início destas tramas se dá nos primeiros anos da década de 70, período em que a capoeira passa a ser praticada no Sul do Brasil.

Aqui em Porto Alegre ela tem o seu protagonista em Mestre Cal, que era caminhoneiro e radialista, e que provavelmente, através de suas viagens aprendeu um pouco de capoeira, e começou ensinar na academia Rui Barbosa, lugar onde em 1972, Mestre Churrasco começa a treinar. Posteriormente Cal trouxe Vadinho, um baiano de Salvador, para dar aulas na ACM – Associação Cristã de Moços e com Vadinho, em 1974, Mestre Ratinho iniciou a aprender capoeira, onde fica por um tempo e depois sai e passa a ensinar em diversos lugares como CEUE – Centro dos Estudantes Universitários da Engenharia da UFRGS, Clube dos Caixeiros Viajantes e na Universidade do IPA. Neste mesmo ano Mestre Índio chega e desenvolve trabalhos no Petrópolis Tênis Clube, Academia Rui Barbosa, Academia Mudança, IPA e na sua própria Academia no centro. Em 1976, Mestre Cal deixa de dar aulas e Mestre Churrasco começa ensinar no quintal de sua casa, localizada na vila Mato Sampaio. Mestre Monsueto que também tinha chegado em 1974, para dar aulas de karatê na academia Kidokan, em 1976 passa a também dar aulas de capoeira nesta mesma academia e lá ficou até a chegada de Mestre Cerqueira em 1978. Mestre

Monsueto deu aulas também na Academia Muzenza e Academia Budokan. Mestre Paulinho Matogrosso também chega em 1978 e durante um tempo dá aulas na Academia Rui Barbosa, mas logo abre a sua academia, a Academia Muzenza e ele chama para ajudar nas aulas Mestre Monsueto e o Mestre Ferro Velho, que chega de Curitiba em 1979.

Assim, Mestre Cal, Vadinho, Índio, Monsueto, Cerqueira, Paulinho e Ferro Velho são os mestres que nos anos 70 desenvolveram trabalhos de capoeira em Porto Alegre e deixaram um legado que permite a continuidade da prática da capoeira até os dias de hoje. Eles são os mestres matrizes, os pioneiros da capoeira em nossa cidade. Mestres que estavam ou vieram para Porto Alegre nos 70, que desenvolveram trabalhos e formaram novos multiplicadores desta prática corporal.

Além dos Mestres, a primeira geração de professores de capoeira formados em terras gaúchas, também deu importante contribuição neste processo, sendo lembrados pelos entrevistados os seguintes capoeiristas: Ratinho, Nino, Torelli, Carcará, Batista, Mano, Zebrinha, Fouad, Peixinho e Churrasco.

As academias na época ficavam quase todas no centro da cidade, havendo somente duas específicas de capoeira, a Academia de Mestre Índio e a Academia de Mestre Paulinho, as demais academias eram poliesportivas, oferecendo diversos tipos de práticas corporais. Fora do Centro, tinha o clube dos Caixeiros Viajantes, o Petrópolis Tênis Clube e o espaço de Mestre Churrasco.

O público praticante era composto majoritariamente por jovens brancos, homens, de classe média, universitários e que gostavam de esportes radicais, com exceção dos alunos de Mestre Churrasco que moravam na periferia e eram negros.

Sobre a presença de mulheres houve um impasse, pois alguns disseram que não havia e outros que afirmavam a sua presença. No entanto fica algumas considerações sobre este tema: Nas entrevistas nenhuma mulher foi lembrada espontaneamente. E quando citadas, sobre elas, ninguém lembrou de algum acontecimento ou história envolvendo a prática da capoeira. Conforme o período que era lembrado pelo entrevistado, a percepção da presença era diferente. Os entrevistados que praticaram capoeira em academias específicas, tiveram mais dificuldade para lembrar da presença feminina. Por último, fica a pergunta. Estariam elas mesmas ausentes ou simplesmente não eram notadas como capoeiristas pelos homens?

Quanto as formas de desenvolver seus trabalhos, os mestres tinham características diferentes e se colocavam neste movimento de maneira específica. Quando Mestre Índio chegou ele trouxe a ideia de grupo de capoeira, os Filhos de Oxósse, juntamente com uma ideia de formação de alunos comprometidos. Uma abordagem que contrastava com a forma de ensinar e perceber a capoeira que Cal e Vadinho tinham até sua chegada, que era algo mais espontâneo e menos vinculativo. Mestre Monsueto e depois Mestre Cerqueira se colocavam como mestres de capoeira, que estavam serviço da academia onde eles davam aulas, assim, não se preocupavam muito com a ideia de formação de grupo, mas diferentes de Cal e Vadinho, eles, principalmente Mestre Cerqueira, atentava para a aprendizagem progressiva de seus alunos. Mestre Paulinho quando chega traz toda uma bagagem do seu grupo Muzenza e trabalha para implanta-lo em Porto Alegre, causando choques com Mestre Índio que até então era o único mestre que tinha esta proposta na cidade, pois Mestre Churrasco, apesar de também ter o seu grupo, o Zumbi dos Palmares, não gerava concorrência e nem brigava pela disputa de território, pois seu público era diferenciado.

Na ideia de expansão do grupo, com aumento de alunos, Mestre Índio e Mestre Paulinho vão fazer das rodas de rua, espaços para divulgação dos seus trabalhos e muitas vezes também, local para medir forças, sendo muitas vezes lembradas as brigas que às vezes era entre os dois especificamente e outras vezes era entre os grupos Filhos de Oxósse e Muzenza. Neste cenário a outra roda que acontecia era a do Mestre Churrasco e conforme alguns entrevistados, as brigas aconteciam porque os capoeiristas de academia iam reprimir os capoeiristas que aprendiam na periferia e se identificam como capoeiristas de rua. As rodas aconteciam no Parcão e na Redenção, sendo este último o lugar onde mais aconteciam os conflitos.

Com a chegada de Mestre Índio, a forma de realizar os batizados se modificou, enquanto Cal e Vadinho tinham um caráter fortemente religioso, Mestre Índio trouxe as ideias da federação paulista de capoeira, baseada no esporte, com o uso de cordéis e avaliação focada na técnica. Este modelo de batizados passou a ser adotado por todos os mestres que davam aulas na época. Sobre o local de realização dos batizados, foi lembrado o Petrópolis Tênis Clube, Clube dos Caixeiros Viajantes, Ginásio da Brigada Militar, Academia Kidokan e Academia Rui Barbosa.

Como o batizado é também um encontro de capoeiristas de outras localidades é importante registrar que Mestre Burguês, Sergipe, Pítton, Pop, Carvoeiro, Bandeira, Cacau, Coringa, foram alguns dos mestres que estiveram presentes nestes momentos e que de certa forma serviram de testemunha da história da capoeira porto alegreense.

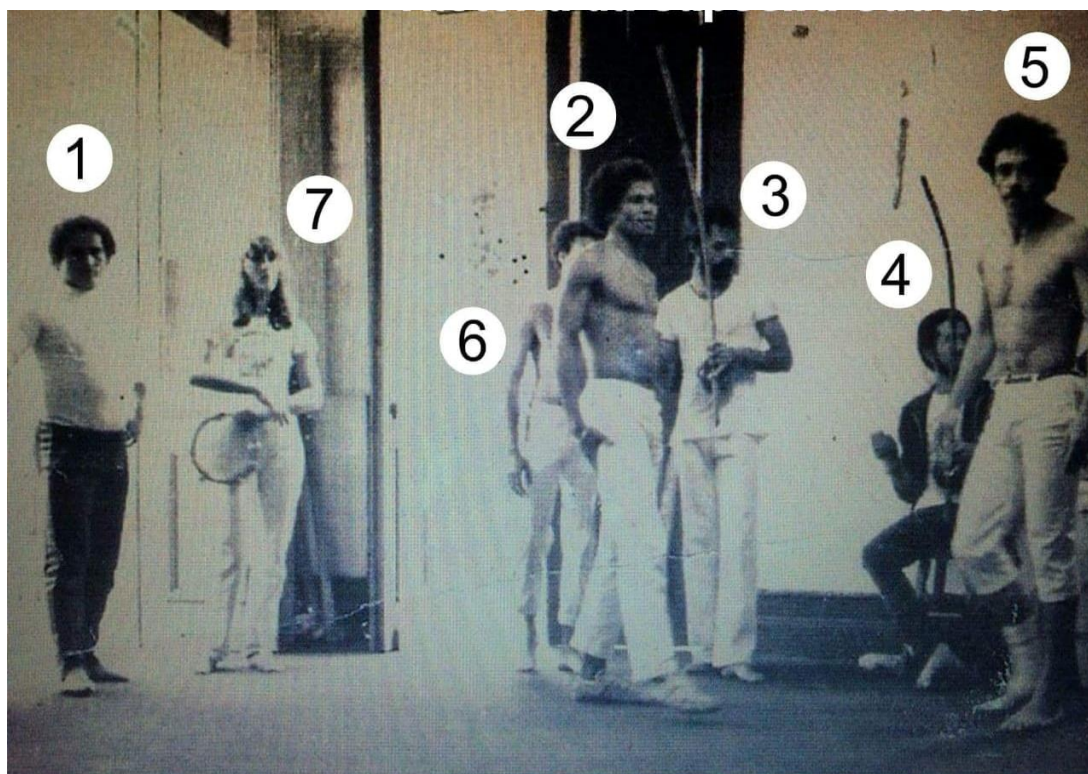
Quanto aos motivos que levaram a capoeira ser tão bem aceita em nossa cidade, principalmente pela juventude de classe média e alta, apesar de haver ainda alguns preconceitos relacionados a sua história e origem, parece haver um consenso entre os entrevistados, pois quase todos expressaram que a capoeira nos anos 70 era uma moda, uma onda, uma tendência, uma inovação cultural que inspirava sentimento de liberdade. Também foi citado por alguns, que a mídia televisiva, o reconhecimento da capoeira como desporto pelo MEC e a presença da capoeira nos teatros do Rio de Janeiro, também ajudaram na aceitação da capoeira e na sua divulgação que entusiasmava muitas pessoas para praticar.

Por fim, considero que o legado deixado pelos mestres precursores, é a formação de professores que deram continuidade e multiplicaram o número de pessoas praticantes. Se hoje, a capoeira é conhecida, reconhecida e ainda praticada nas academias, praças e parques de nossa cidade, isso acontece em virtude de todo processo descrito nesse trabalho.

ENCONTRO DE CAPOEIRA EM 1979 NA ACADEMIA RUI BARBOSA



1 - Mestre Sergipe 2 - Mestre Piton 3 - Mestre Índio
4 - (encoberto) Mestre Cerqueira 5 - Mestre Souza
6 - Contra Mestre Ferro Velho 7 - CM Odon 8 - CM Jacó



1 - Mestre Sergipe; 2 - Mestre Índio; 3 - Zebrinha; 4 - Mestre Cerqueira
5 - Mestre Paulinho; 6 - Cyro; 7 - Elaine

4. VAMOS EMBORA CAMARÁ!

4.1 Matrizes, início e desenvolvimento da capoeira nos anos 70

A elaboração deste trabalho me permitiu compreender que a capoeira se faz presente em Porto Alegre desde o século XIX e que estava localizada principalmente na região do Areal da Baronesa, atual cidade baixa. Em alguns registros já acessados e analisados por outros trabalhos acadêmicos foi possível perceber que apesar da capoeira possuir um caráter lúdico, também houveram desavenças a partir do “jogo” de capoeira, que desencadearam conflitos e brigas envolvendo-a que deram visibilidade na época. A maioria dos registros encontrados são processos criminais e jornais da época denunciando a ‘praga’ dos capoeiras na cidade. O último registro encontrado sobre esta época refere-se a um ocorrido, em 1920, e que consta no livro *Crônicas da minha cidade*, de Ary Veiga Sanhudo, publicado em 1975.

Após esse período, é possível compreender que a capoeira passou por muitas mudanças. A capoeira que conhecemos hoje, deixou de ser praticada de forma marginal, estando ausente dos registros policiais, e passou a ganhar visibilidade novamente em Porto Alegre a partir da década de 1970. Esse processo aconteceu como resultado de múltiplos fatores iniciados no Brasil, nas décadas de 50 e 60, como a imigração de vários nordestinos para a região sudeste e sul, o movimento de folclorização e divulgação das culturas baianas a partir dos órgãos de turismo e o reconhecimento da capoeira como esporte nacional, que a levaram a um processo de expansão nacional, que teve na década de 70 o seu ápice.

Em Porto Alegre, Mestre Cal, é que dá início a esta nova era ao começar ensinar capoeira em 1972 na Academia Rui Barbosa, sendo também o responsável por trazer a Porto Alegre, em 1974, Mestre Vadinho, para dar aulas na ACM - Associação Cristã de Moços. Apesar da importância destes dois mestres, não foram encontradas maiores informações sobre o início e a trajetória dos mesmos na capoeira, inclusive alguns entrevistados consideraram a possibilidade deles não serem mestres de formação, ou seja, não terem tido um mestre responsável pelo seu ensino e conseqüentemente mestria.

Esta concepção de formação de mestria, só inicia em Porto Alegre, com a chegada de Mestre Índio em 1975, que traz consigo toda uma tendência da capoeira

organizada a partir das normas da Federação Paulista de Capoeira e do Conselho Nacional de Desportos. Mestre Índio traz ainda a noção de grupo de capoeira.

Nesta mesma época chega Mestre Monsueto para dar aulas de karatê na academia Kidokan e com o tempo passa a dar aulas também de capoeira na Kidokan e em várias academias. Mestre Churrasco em 1976 começa a ensinar no quintal de sua casa na Vila Mato Sampaio, periferia de Porto Alegre. Mais tarde, entre 1977 e 1978 chegam Mestre Cerqueira que passa a dar aulas na Academia Kidokan no lugar de Mestre Monsueto. Já, Mestre Paulinho que após dar aulas na Academia Rui Barbosa, abre a sua academia e coloca o nome do seu grupo nela, o Muzenza, e Mestre Ferro Velho que vem para ajudar Mestre Paulinho na Academia Muzenza.

Conforme as entrevistas que realizei para essa pesquisa é possível dizer que o ensino da capoeira na década de 1970 estava concentrado no centro da cidade e em bairros de classe média, com exceção da casa de Mestre Churrasco, que ficava na periferia e onde também mudava o perfil dos alunos, sendo quase todos negros e de baixa renda.

Havia uma rotatividade dos mestres nas academias de Porto Alegre, acontecendo frequentemente que um mestre desse aulas durante um tempo numa academia e depois entrasse outro mestre para substituí-lo. As saídas de um mestre de uma academia ou de um local de ensino, na maioria das vezes, era por desentendimentos com o proprietário ou porque o mestre recebeu uma proposta melhor, principalmente em relação a questões econômicas. Havia uma relação clara de empregado e empregador, com exceção das experiências de Mestre Índio e Mestre Paulinho que durante um tempo tiveram as suas próprias academias que eram sedes dos seus grupos e atuavam especificamente só com capoeira, enquanto as outras academias ofereciam diversas outras atividades de luta, ginástica e dança.

Os mestres de capoeira eram quase todos homens negros, com exceção de Mestre Paulinho e Mestre Ferro Velho. Já, os alunos eram na sua maioria homens brancos, de classe média, com idade inferior a 20 anos, que gostavam de esportes radicais. Segundo as informações das entrevistas foi possível identificar que houve nessa época a presença de algumas mulheres, mas esta informação variou de acordo com o lugar onde o mestre ministrava a aulas.

Havia na época uma ‘tendência comportamental e social’ que levava os jovens a querer praticar capoeira, sendo que alguns entrevistados apontaram a mídia como fator responsável por essa promoção da capoeira.

Basicamente os alunos iniciavam na capoeira através de convites de amigos, dos próprios mestres ou por terem assistido a uma roda ou apresentação de capoeira.

Os únicos mestres que divulgavam seus trabalhos enquanto grupo de Capoeira nos anos 70 era Mestre Índio com o grupo “Filhos de Oxósse” e Mestre Paulinho com o grupo “Muzenza”. Os demais mestres tinham seus trabalhos mais vinculados ao nome da academia onde eles davam aulas. Inclusive esta forma de organizar a capoeira enquanto grupo, foi um dos motivos que levou Mestre Índio e Mestre Paulinho a vários conflitos que não raro acabavam em brigas violentas.

As rodas, assim como hoje, aconteciam de 03 (três) maneiras: 1) Rodas de rua que eram realizadas nos parques e praças, nos anos 70 as rodas de rua aconteciam no Parcão e no Parque da Redenção. 2) Rodas de academia que aconteciam quase sempre no local onde o mestre ensinava e era restrita aos alunos e aos convidados do mestre. 3) Rodas de eventos, quase sempre aconteciam em ginásios ou clubes, normalmente eram realizadas durante os batizados de capoeira.

Os batizados de capoeira já eram presentes desde o início com Mestre Cal, mas a partir da metade dos anos 70, potencializado pela chegada de Mestre Índio e Mestre Monsueto, os batizados se modificaram e passaram a se enquadrar nas normas estabelecidas pela Federação Paulista de Capoeira. Eram locais de realização de batizados as próprias academias como a Rui Barbosa e a Kidokan, os Clubes Caixeiros Viajantes e Petrópolis Tênis Clube e os ginásios da Faculdade de Educação Física do IPA e o da Brigada Militar.

A roda de rua também era uma forma que os mestres usavam para divulgar seus trabalhos e quase sempre eles escolhiam o lugar para realiza-la de acordo com a proximidade de sua academia. Mas as rodas também serviam para demarcar territórios, mesmo que muitas vezes, fosse um território relacionado ao tempo, a exemplo de Mestre Índio que fazia roda no Parque da Redenção de manhã e Mestre Churrasco fazia de tarde. Nas rodas de rua quase sempre acontecia brigas entre capoeiristas de grupos diferentes e às vezes com lutadores de outras artes marciais, que vinham ‘testar’ a capacidade de luta da capoeira. Aliás, ficou evidente ao longo

da pesquisa, que o aspecto de combate da capoeira era muito enfatizado neste período, inclusive alguns mestres foram desafiados na porta de suas academias e saíram vencedores da contenda.

Havia também uma divisão de classes/raça na cena da capoeira porto alegre, que muitas vezes gerava conflitos e tensões entre os capoeiristas da periferia, negros e que se identificavam como capoeiras de rua e os capoeiristas da classe média, brancos e que treinavam em academias.

Como resultado do processo iniciado pelos mestres nos anos 70, são hoje mestres, Jacó, Carson, Mano, Ratinho, Churrasco, Nino, Karcará, Fernando, Odon, Ivonei, Batista e Renatinho, que já formaram professores e mestres, que estão espalhados nos diversos grupos que atuam em diversos locais da nossa cidade, levando a capoeira para crianças, jovens e adultos, através de aulas realizadas em academias, escolas e projetos sociais.

4.2 Para futuros estudos

No entanto algumas questões ainda merecem ser melhor estudadas, como a presença das mulheres na capoeira, a relação entre os capoeiristas de rua e os de academia, a relação dos mestres com os proprietários das academias, a metodologia de ensino utilizada pelos mestres, quais os motivos que levava alguns alunos a trocar de mestres seguidamente, quais os fatores responsáveis pelo desejo de praticar capoeira nos anos 70, a influência da prática de capoeira no estilo de vida destes praticantes e o desenvolvimento da capoeira nas décadas seguintes.

REFERÊNCIAS

ANGOLA POA. **Expressões da Capoeira Angola em Porto Alegre**. Site. Disponível em <https://www.angolapoa.com.br/>. Acessado em 25/06/2019.

ARAÚJO, Maíra Lopes. **Os efeitos político-pedagógicos produzidos pela prática da capoeira no contexto escolar: a compreensão dos coletivos docentes de duas escolas da RME-POA**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

BATISTA, Silvio Pereira. **A capoeira, uma arte representativa da cultura brasileira**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

BARBOSA, Viviane Malheiro. **Capoeira Angola na escola: uma alternativa à formação integral dos estudantes**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

BARBOSA, Viviane Malheiro. **Mulher na roda: experiências femininas na Capoeira Angola de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

COSTA, Adélia Kervalt. **A prática da capoeira nas Escolas Especiais da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

DORNELLES, Ederson Alberto Teixeira. **Monsueto, Nino Alves e Churrasco: a reconstrução da história dos primeiros mestres de capoeira em solo gaúcho**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

ESTANISLAU, Jefferson. **O legado de Mestre Mendonça para a capoeira**. Disponível em <http://www.rodadecapoeira.com.br/artigo/O-Legado-de-Mestre-Mendonca-para-a-Capoeira/0> acessado em 25/06/2019.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. 408 p. Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2004.

FERREIRA, Janine de Carvalho; SALDANHA, Braga Bianca de Souza. **Capoeira: da criminalização no código penal de 1890 ao reconhecimento como esporte nacional e legislação aplicada**. 26 p. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. 19 p. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro, pp. 314-332. 2002

GRAVINA, Heloisa. **Por cima do mar eu vim, por cima do mar eu vou voltar: políticas angoleiras em performance na circulação Brasil-França**. Tese de Doutorado – UFRGS, Porto Alegre, 2010.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê. Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil.** *Ministério da Cultura: Brasília, 2007. Disponível em www.iphan.gov.br.*

JAQUEIRA, Ana Rosa; ARAÚJO, Paulo Coêlho. **Análise praxiológica do primeiro regulamento desportivo da capoeira.** 23 p. Revista Movimento. Porto Alegre, v. 19, n. 02, p. 31-53, abr/jun de 2013.

MATTOS, Jane. **Pulera e Birú: Índícios da capoeira na Porto Alegre dos séculos XIX e XX.** Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/pulera-e-biru-indicios-da-capoeira-na-porto-alegre-dos-seculos-xix-e-xx/22017/#ixzz2ZpTbvGL>. 2009.

MEDEIROS, Sabrina Toledo. **Patrimônio cultural imaterial: reflexões sobre identidade, gênero e suas representações na roda de capoeira.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

MESTRE CHURRASCO (depoimento 2010 - Caxias do Sul). Porto Alegre: Centro de Memória e do Esporte – ESEF/UFRGS, 2010.

MONSUETO Mestre (depoimento, 2010). - Viamão: Centro de Memória do Esporte - ESEF/UFRGS, 2010.

NETO, Alvaro Rego Millen; GARCIA, Roberto Alves; VOTRE, Sebastião Josué. **Artes marciais mistas: luta por afirmação e mercado da luta.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 38(4): 407-413. 2016

PERKOV, Paulo Lara. **Capoeira, possibilidade de educação emancipatória junto a jovens de classes populares?** Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISSINOS. São Leopoldo, 2012.

PLACEDINO, Fernando Campiol. **Capoeira escolar: a arte popular para uma educação ético-estética.** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

POGLIA, Marco Antonio Saretta. **Mandinga, malícia e manha por uma cosmopolítica angoleira.** Trabalho de conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

POGLIA, Marco Antonio Saretta. **A capoeira angola em Porto Alegre.** Artigo produzido como síntese do projeto "A capoeira angola em Porto Alegre", aprovado no Concurso Décio Freitas 2011 realizado pelo Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Porto Alegre. Porto Alegre, 2012. (no prelo)

POGLIA, Marco Antonio Saretta. **Todo mundo não é um, paraná! Uma perspectiva etnográfica sobre a capoeira angola.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2014.

RIBEIRO, Simone. **Uma pedagogia em movimento: contribuições da capoeira na construção da autonomia**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

SANHUDO, Ary Veiga. **Porto Alegre: crônicas de minha cidade**. Vol. 2. Porto Alegre: IEL/Ed. Movimento, 1975.

SANTOS, Luiz Silva. **A capoeira como opção de educação física infantil no ensino de primeiro grau**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1987.

SILVA Jorge Luiz Teixeira da Capoeira e identidade: **Um olhar ascógeno do racismo e da identidade negra através da capoeira**. Dissertação de Mestrado. – EST - Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2007.

TEIXEIRA, Lucas da Silva. **Projeto de ensino para aulas de língua portuguesa: diálogos entre a roda de capoeira, a poesia e a crônica**. Trabalho de conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

APÊNDICE



ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A REALIZAÇÃO DO TCC SOBRE A HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA CAPOEIRA EM PORTO ALEGRE

Aluno: Mário Augusto da Rosa Dutra

Orientadora: Prof^a Raquel Silveira

1. Nome completo, apelido:
2. Naturalidade e data de nascimento:
3. Início na capoeira (quando, onde, com quem e porque)
4. Como e quando chegou em Porto Alegre.
5. Qual era o cenário nacional da capoeira na época:
6. Qual era o cenário em Porto Alegre da capoeira na época:
7. Como foi início do trabalho? Primeiros alunos? Pessoas importantes:
8. Dificuldade e facilidades:
9. Estratégias para permanência e expansão dos trabalhos.
10. Aproximações (alianças) e distanciamentos (desafetos), o que se estava disputando?
 11. Quem eram os praticantes de capoeira na época? Homens, mulheres, brancos, negros, ricos, pobres, centro, periferia.
 12. Quanto tempo ficou em porto Alegre e Porque voltou (caso tenha voltado)
 13. Qual o seu legado. Quem são as pessoas que dão continuidade ao seu trabalho.
 14. Lembranças e curiosidades.
 15. Que trabalhos hoje você mantém e se dedica? Onde atua?